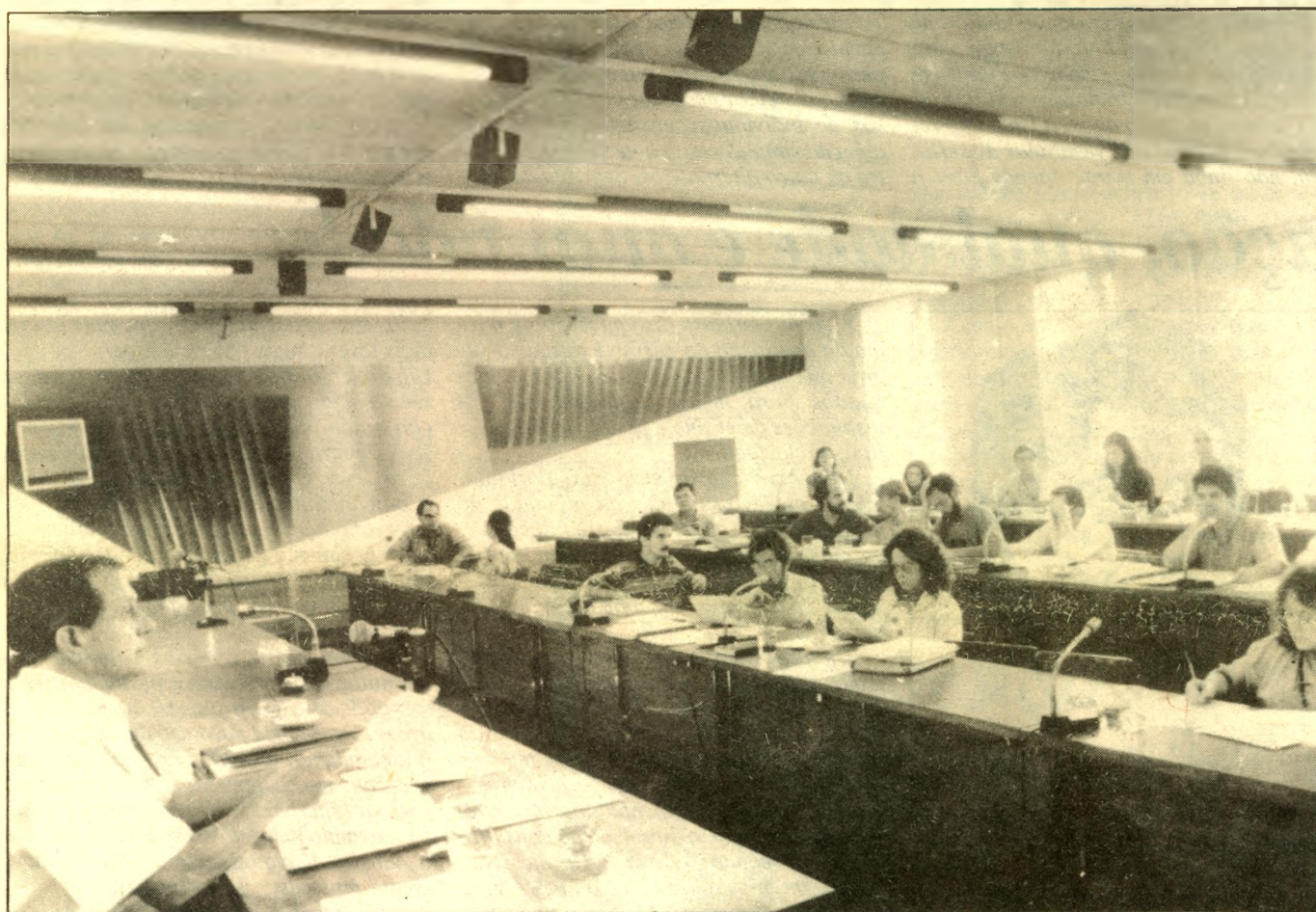


Capitães da indústria paulista



Protagonistas e personagens do projeto industrialista de São Paulo desfilam nas páginas do livro mais recente do historiador Paulo Miceli.
 Página 3.

Vestibular dissertativo entra em seu sétimo ano



A Câmara Deliberativa do Vestibular da Unicamp em reunião no início de julho passado.

Editora leva mais de 200 títulos à Bienal do Livro em São Paulo

No ano de seu décimo aniversário de existência editorial, a Editora da Unicamp leva à XII Bienal Internacional do Livro, a se realizar no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, de 26 de agosto a 7 de setembro, mais de 200 de seus cerca de 300 títulos em catálogo. Entre os autores, o norte-americano Carl Schorske, o francês Alain Touraine e o brasileiro Brito Broca. A Bienal reunirá 950 expositores de 35 países distribuídos por 230 estandes. Para o público, a Bienal estará aberta a partir do dia 29, das 10 às 22 horas, inclusive aos sábados e domingos. Cerca de 1,2 milhão de pessoas deverão passar pelo pavilhão da Bienal nos dez dias de visitação pública. Para o diretor da Editora da Unicamp, professor Eduardo Guimarães, "esta é uma oportunidade de levar ao público não acadêmico as produções da Universidade". Veja encarte especial nesta edição.



Schorske: livro sobre Viena.



Touraine: América Latina.



Pessoa: tema de ensaio.



Brito Broca: inéditos.

A Unicamp espera para os próximos meses a chegada à Unicamp dos 12 professores estrangeiros — da lista de 43 aprovados pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado para as universidades públicas de São Paulo — que lhe foram destinados. A maioria deles vem de países do leste europeu. A iugoslava Desanka Dragosavac, que deixou seu país por causa da guerra civil, já está com os pés em Campinas.
 Página 8.



A iugoslava Desanka Dragosavac.

Estrangeiros devem chegar ainda este ano

O dilema do vestibular

Carlos Vogt

A parte o fato de que cada universidade tem o direito de fazer o vestibular que quiser, considero inquietantes as notícias de que está em curso em alguns círculos acadêmicos do país um processo de desqualificação da redação como parâmetro seletivo e, por conseqüência, de reabilitação moral dos testes de múltipla escolha. O assunto mereceu recentemente uma edição inteira do noticioso da Universidade de São Paulo e propiciou, nos jornais, opiniões aleatórias do tipo: "Vestibulares que dão um peso exagerado à redação, como o da Unicamp, avaliam mal" (entrevista do professor Sérgio Costa Ribeiro ao Jornal da Tarde de 24 de junho passado).

Em primeiro lugar, afirmações desse gênero careceriam, antes de mais nada, de um levantamento sério da proficiência do "vestibular das cruzinhas" em confronto com o exame dissertativo, aí considerada a qualidade intelectual dos candidatos aprovados, sua produtividade acadêmica ao longo do curso superior e até mesmo seu desempenho posterior no mercado de trabalho. No que toca à Unicamp, não podemos nos queixar: 85% de nossos ex-alunos mais recentes atuam profissionalmente em sua área de formação e, desses, quase 40% exercem funções de direção ou chefia e apenas 1% se acha desemprega-



Carlos Vogt, lingüista, é reitor da Unicamp desde abril de 1990.

do. Se estudo semelhante vier a ser realizado entre os egressos do vestibular de múltipla escolha, então teríamos um contraponto interessante e sobretudo útil em termos de análise comparativa válida.

Quando, há cinco anos, a Unicamp recuperou o conceito de vestibular dissertativo, não tinha em mente apenas fazer a

melhor opção entre modelos diferentes de seleção de candidatos. Ao introduzir o método dissertativo — aí incluída a redação como porta de acesso à segunda fase — o objetivo era estabelecer parâmetros de avaliação que levassem em conta a capacidade de reflexão e de articulação de idéias do candidato; ao mesmo tempo, tratava-se de evitar o caráter um tanto lotérico das cruzinhas, do qual se tornara caudatária toda uma "indústria" de habilitação aos testes de múltipla escolha, que pouco estimulava, é natural, a organização pessoal e dedutiva do conhecimento adquirido nas escolas.

Bem por isso, o propósito da reforma do vestibular da Unicamp — que teve dobramento fecundo em várias outras universidades de primeira linha — compreendia também uma ação retroativa e didática sobre o segundo grau, visando, inclusive, a recuperar uma literatura escolar menos afeita ao figurino dos testes e mais próxima do raciocínio lógico-argumentativo.

Tudo isso se constituiu em conquistas animadoras num espaço relativamente curto de tempo. A própria Unicamp pôde observar nos últimos anos um avanço da capacidade intelectual de seus candidatos (há pesquisas a respeito), que passaram a ler mais e a melhor exercitar suas prerrogativas de indivíduos pensantes, aptos a ir além da simples escolha de uma entre quatro ou cinco alternativas. Sem dúvida hou-

ve notáveis reflexos no segundo grau e a própria indústria do livro didático teve a sensibilidade de detectar as mudanças qualitativas que se davam de uma ponta a outra do sistema de ensino.

Discute-se hoje na Europa, no Japão e nos Estados Unidos a formação de profissionais que sejam capazes não apenas de responder aos desafios específicos de suas especialidades mas também de tomar decisões em contextos de complexidade política e social. Também as cabeças mais lúcidas do empresariado nacional — e tenho mantido contato permanente com um bom número delas — são unânimes quanto à urgência de uma reforma de currículos que atenda a essa meta (não exatamente empresarial, porém humanista). Para tanto é essencial o domínio da língua e o desenvolvimento de capacidades que ultrapassem a dimensão de simples cardápios de opções, ainda que formulados com zelo e boas intenções.

Ninguém nega, é claro, que o vestibular dissertativo pede uma mobilização muito maior de esforços e um refinamento de critérios que custam mais tempo, mais dinheiro e mais trabalho. Requer também uma capacidade instalada considerável para a qual, entretanto, as boas universidades do país estão plenamente preparadas. Por isso, não vá a tentação das facilidades pôr a perder aquilo que foi penosamente conquistado.

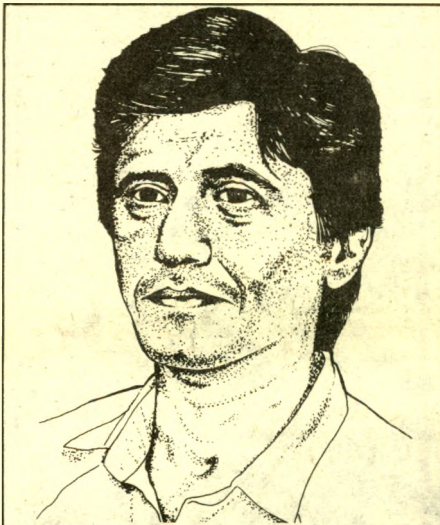
Avaliação, qualidade e quantidade

Bernardino Figueiredo

A avaliação da atividade acadêmica se tornou um dos temas mais discutidos nas universidades públicas brasileiras nos últimos anos. Um aspecto importante dessa discussão diz respeito às dificuldades em distinguir as metodologias adequadas para a avaliação institucional daquelas utilizadas na avaliação do desempenho individual dos pesquisadores.

Não levar em conta essa distinção implica em considerar o desempenho institucional como decorrência ou quase como uma somatória dos desempenhos individuais dos docentes de um determinado departamento, instituto ou faculdade. Esse tipo de confusão induz a um equívoco ainda maior que é sugerir o uso de critérios quantitativos mínimos, estabelecidos em função de metas institucionais desejáveis, como pré-requisitos na avaliação de mérito dos docentes.

Em 1990, neste jornal, defendi a idéia de que a avaliação institucional, para ser útil, deveria ser associada à idéia da transformação da prática acadêmica, da busca da excelência, do aperfeiçoamento institucional, em direção ao aproveitamento otimizado dos recursos públicos disponíveis e ao oferecimento de serviços de qualidade à população. Nessa ocasião, defendi também a realização de uma atividade de auto-avaliação como a melhor maneira de aumentar a eficácia da avaliação externa, já que os agentes principais das mudanças, os



Bernardino Figueiredo é diretor do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp.

docentes, não poderiam ser parte passiva no processo de avaliação institucional.

Na Unicamp, a primeira experiência de avaliação institucional ainda está em curso. Após a conclusão desse processo de auto-avaliação e avaliação externa e a partir do auto-conhecimento adquirido, é previsível que o estabelecimento de indicadores quantitativos de desempenho encontre a aceitação necessária para servirem de base para o desenvolvimento institucional e gestão acadêmica.

A vasta literatura disponível sobre o tema da avaliação do ensino e pesquisa sugere que a definição de indicadores adequados para medir o desempenho de instituições de ensino e pesquisa não constitui tarefa fácil.

Não deve causar surpresa, portanto, que os atores principais da atividade de avaliação na Universidade, os docentes, eventualmente não compartilhem da mesma visão do processo ou não estejam igualmente conscientes dos objetivos que ela persegue.

Um aspecto que merece ser enfatizado é que a avaliação institucional induz, naturalmente, ao aumento do desempenho individual dos docentes. Mas a melhora da qualidade de seu trabalho decorre também de vários aspectos da prática acadêmica que não dependem apenas do seu empenho. Por exemplo, a formação de bons profissionais requer que todos os professores ministrem boas aulas. Mas o que resultaria desse esforço se a Unicamp não tivesse um bom vestibular, o curso não dispusesse de um currículo coerente e atualizado, a faculdade não tivesse nenhum intercâmbio com o setor produtivo, os laboratórios estivessem parados etc? Como quantificar no currículo do docente a sua participação em atividades imensuráveis?

Uma outra idéia que merece comentário é a que considera que quanto mais avançada na carreira estiver o docente maior deve ser o seu desempenho quantitativo. Numa universidade como a Unicamp, esperar que os docentes mais titu-

lados simplesmente produzam mais aulas, mais teses e mais papers é esperar pouco. Um professor titular, por exemplo, deve ser reconhecido pela qualidade de sua produção e não pelas quantidades fixadas por seus departamentos. A excelência de sua obra deve ser julgada em função da contribuição eminente à consecução dos objetivos fundamentais da Universidade e do reconhecimento nacional e internacional a ela atribuídos, o que requer o emprego de escalas de valores próprias de cada área do conhecimento.

A definição de critérios e indicadores quantitativos em ensino e pesquisa devem ser utilizados para países, instituições e áreas de pesquisa para uso de agências de financiamento e órgãos do governo, sempre com muita cautela e levando-se em conta a experiência internacional no tema. Um exemplo pode ser visto nos estudos realizados na Espanha e publicados recentemente na revista Scientometrics.

Mas a sua aplicação nos processos de avaliação do mérito acadêmico individual, além de prejudicial, especialmente para os pesquisadores mais jovens, é desnecessária.

A avaliação da qualidade da atividade acadêmica dos docentes ao ser feita pelos pares, com titulação igual ou superior à pretendida pelo candidato, e com a participação de especialistas externos, sempre leva em conta a quantidade. Não há avaliação de qualidade onde não existe quantidade. Mas pode haver sim avaliação de quantidade onde não existe qualidade.

LIVRARIA
F: 39-2000

• PROFESSORES (ADUNICAMP) • PÓS-GRADUANDOS (APG)

COMPRE AGORA, PAGUE EM SETEMBRO

LIUBLIÚ - TILLI CENTER E GALERIA NAHAS - BARÃO GERALDO
BANCA DE LIVROS UNICAMP

Unicamp

Reitor - Carlos Vogt
Vice-reitor - José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão - César Francisco Ciarro
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário - Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação - Adalberto Bono M. S. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa - Armando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação - José Dias Sobrinho

Este jornal é elaborado mensalmente pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas - SP. Telefones (0192) 39-7865, 39-7183 e 39-8404. Telex (019) 1150. Fax (0192) 39-3848.

Editor - Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor - Amarildo Carnicel (MTb 15.519)
Redatores - Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.917), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751).
Colaboradora - Raquel do Carmo Santos
Fotografia - Antoninho Perri (MTb 828)
Ilustração e Arte Final - Oséas de Magalhães
Diagramação - Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Serviços Técnicos - Clara Eli Salinas, Dulcinéa Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.

COMPOSIÇÃO FOTOLITOS E IMPRESSÃO
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNO DE SÃO PAULO

FEE desenvolve semáforo "inteligente"

Sistema foi adotado pela Prefeitura de São Bernardo.

Os tradicionais semáforos, cuja única função é controlar o tráfego por meio de mudança de cor de luzes, está com seus dias contados. Pelo menos no município de São Bernardo do Campo, que está implantando um novo sistema para controlar o tráfego de veículos da cidade: o semáforo "inteligente", instrumento operado por computador. Desenvolvido por pesquisadores do Laboratório de Processamento de Sinais, da Faculdade de Engenharia Elétrica (FEE) da Unicamp, esse semáforo tem a capacidade de fazer a contagem de veículos e, automaticamente, programar o tempo de abertura e fechamento, evitando assim congestionamentos no tráfego.

O semáforo inteligente, segundo o professor José Geraldo Chiquito, chefe do Laboratório de Processamento de Sinais da FEE, faz parte de um convênio entre a Unicamp e a Prefeitura de São Bernardo do Campo (município de aproximadamente 800 mil habitantes), que até agosto deverá receber as cinco primeiras unidades, de um lote de dez semáforos, além de duas centrais de operação. O convênio prevê a construção e implantação de 120 semáforos que deverão ser entregues até outubro de 1993. De acordo com Chiquito, a implantação das duas centrais e dos controladores está estimada em US\$ 500 mil — aproximadamente Cr\$ 1,5 bilhão de cruzeiros.

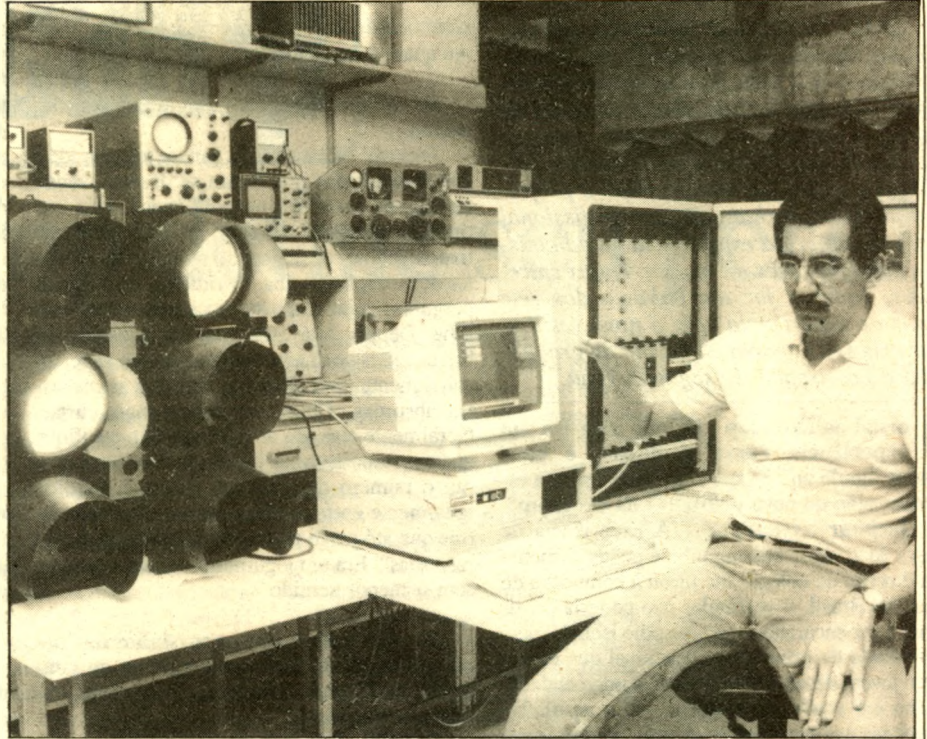
A construção do semáforo inteligente foi inspirada nos moldes dos padrões ingleses, considerados pelos pesquisadores da área como os mais avançados do mundo. Trata-se de um sistema semelhante aos aparelhos instalados em São Paulo. Entretanto, o projeto da Unicamp apresenta vantagem sobre o equipamento utilizado na capital

paulista. Enquanto os semáforos de São Paulo se limitam a receber as informações e enviá-las à central, o instrumento projetado pela Unicamp desempenha dupla função: remete as informações à central, que por sua vez decodifica as mensagens enviando-as de volta ao semáforo, adequando perfeitamente o sistema às mais diferentes situações de trânsito.

Sincronismo — Seu funcionamento depende da instalação de 15 laços de indução (fios) que magneticamente detectam a passagem de veículos através das centrais computadorizadas. Esses laços são responsáveis pela operação do sistema na contagem de veículos que transitam em determinadas vias de um cruzamento e a imediata alteração do tempo do semáforo. Assim, pode-se evitar que o sinal feche numa rua que tenha grande número de veículos que queiram seguir adiante. Da mesma forma evita que o sinal verde permaneça aceso no momento em que não há veículo algum para atravessar.

Nessa situação, não raro, motoristas avançam o sinal vermelho. No entanto, com o controlador desenvolvido na Unicamp, esse tipo de problema deixa de ocorrer. Primeiro porque o semáforo inteligente faz automaticamente a leitura do número de carros alterando o tempo (aumenta ou reduz, de acordo com o fluxo de veículos) e a abertura ou fechamento do semáforo.

O controlador — projeto desenvolvido por um grupo de dez pessoas, entre professores da Unicamp e do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e alunos de pós-graduação — contém um microprocessador que apresenta uma série de funções avançadas. Ao contrário dos semáforos eletro-mecânicos, pode trabalhar com esquemas multiplanos (um plano é o tempo de seqüência semafórica) e seu controle é capaz de armazenar na memória cerca de cem planos. Esses controladores — cujo sistema pode ser programado por período de até um ano — são conectados à central



Chiquito e o semáforo: sistema inteligente de controle de trânsito.

que recebe informações sobre número de veículos no tráfego. Além disso, registra possíveis falhas no sistema e acusa problemas que o seu reparo imediato.

Com o auxílio de um relógio real, instalado junto à caixa do semáforo, pode-se, por exemplo, planejar diferentes tempos para uma avenida, tendo em vista seus horários de pico e de ociosidade. Ou modificar os tempos de acordo com o movimento dos dias da semana. Além de permitir que se aplique o processo conhecido por "onda verde", isto é, os semáforos sincronizados.

Segundo Chiquito, as vantagens apontadas para o semáforo da Unicamp tornam

o sistema auto-sustentável dentro de no máximo um mês. Chiquito explica que, de acordo com dados da Engenharia de Tráfego de São Bernardo, a economia social com o tempo, queda nos índices de poluição, estresse do motorista e menor desgaste do motor do veículo, mostra que o sistema funciona e que sua aquisição é viável em qualquer cidade. O pesquisador da Unicamp acrescenta, no entanto, que não se trata de um projeto pioneiro em termos de controle de tráfego de veículos. "Trata-se de um sistema sem sofisticação, de certa forma barato, destinado a melhorar o padrão de vida da comunidade, e que tem demonstrado sua eficiência e praticidade", avalia o pesquisador. (A.R.F.)

Além dos limites da fábrica

Livro conta a história do desenvolvimento da indústria paulista.

O ano de 1928 foi marcado pelo colapso do café. Estoques gigantescos, produtores sufocados pelas dívidas, quedas de até 80% nas exportações e o perigo iminente de os novos países produtores representavam para o Brasil. Os recursos para financiar a indústria permaneciam basicamente os mesmos, isto é, eram oriundos dos cafezais. O país vivia um clima de alta instabilidade econômica, mas as dificuldades não se mostravam propriamente insuperáveis. Muitos empresários souberam reagir. Foi naquele ano, por exemplo, que um grupo de industriais paulistas criou o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), entidade que, entre outras atribuições, visava basicamente a centralizar idéias e iniciativas que o poderiam reverter em desenvolvimento para o setor industrial do país.

Além da fábrica — o projeto industrialista em São Paulo (1928-1948), livro do professor Paulo Miceli, do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, traz um pouco da história do desenvolvimento da indústria do Estado de São Paulo e de seus personagens. Miceli diz que a idéia inicial era simplesmente fazer um livro que retratasse o empenho desbravador dos empresários pioneiros. "Percebi, todavia, que poderia ir além da narrativa que mostra o sucesso financeiro de suas empresas". Miceli destacou o projeto industrialista de São Paulo, de forma a ultrapassar os limites materiais da fábrica, mostrando seu relacionamento com a sociedade e visando não apenas ao desenvolvimento técnico da indústria.

Ir além da fábrica, na opinião do professor, significa mostrar as mudanças qualitativas da produção industrial na capital paulista, mostrar que a fábrica foi capaz de mudar seu aspecto social. Como convinha à época, as fábricas integravam-se rapidamente ao desenho da cidade, "impondo seus ritmos à vida cotidiana", lembra Miceli. Como se deu, por exemplo, a mudança de vida das pessoas, o transporte (com a Light estendendo suas linhas de bondes até os confins da Penha, Lapa, Santana, Ipiranga, Vila Mariana, Pinheiros, levando e trazendo milhares de trabalhadores e operários), o lazer e até mesmo os aspectos geográficos e fisiômico da cidade de São Paulo.



Engarrafamento da cerveja München, na fábrica paulista da Antártica, na década de 40.

Observa o historiador que a mudança provocada pela fábrica exigia maior concentração dos trabalhadores próximos a ela. Brás, Moóca e outros bairros da região foram os primeiros a absorver os núcleos operários. Os mais pobres abrigavam-se nos cortiços, alguns localizados em pleno centro, como o aglomerado de sobrados geminados entre as ruas Abolição e Santo Antonio, e que a ironia nominativa da gente da terra batizou de "Vaticano". Além dos brasileiros, os espanhóis, os italianos, os portugueses e até mesmo os sírios engrossaram essas concentrações populares.

O pesquisador da Unicamp conta no livro que "da cidade do início do século, pouca coisa ainda existia no final dos anos 20". O velho centro, limitado ao triangular triângulo (ruas Quinze de Novembro, São Bento e Direita), foi se expandindo, ganhando os lados do Viaduto do Chá, Praça Ramos de Azevedo e Largo do Paissandu. As chácaras da Baronesa de Itapetininga, no Anhangabau; do Barão de Ramalho, entre a Xavier de Toledo e Consolação; as de Dona Paulina de Souza Queirós, atrás da Faculdade de Direito; de Teodoro de Carvalho e William Lee, na rua Santo Antonio; e de Júlio Maia — todas maiores do que um quarteirão — desfizeram-se por conta da valorização vertiginosa do metro quadrado urbano, desaparecendo com elas as casas de grandes quintais que existiam pegadas ao centro da cidade.

Com o passar do tempo esse fenômeno atingiu também outras regiões, o que, segundo Miceli, fez com que ocorresse um processo natu-

ral de seleção por toda a cidade, de forma a "afastar os pobres e as prostitutas para os bairros mais distantes". Com isso, os espaços imobiliários passaram a ser mais valorizados, "como são hoje, por exemplo, as áreas próximas à Avenida Paulista e a região dos Jardins, provavelmente as mais caras do mundo", observa o pesquisador.

Grande depressão — A impressão que se tinha era de que o mundo todo padecia com a situação caótica provocada pela chamada Grande Depressão, que eclodiu nos Estados Unidos naquela "Quinta-feira negra" de 29 de outubro de 1929 — quando o maior mercado de ações do mundo foi à bancarrota. A notícia foi suficiente para paralisar o Centro de São Paulo. Não o bastante, porém, para acabar com os planos de grupos empresariais representados por Francisco Matarazzo, Roberto Simonsen, Alexandre Siciliano, Nicola Scarpa, Antonio Devisate, Horácio Lafer, Maurício Klabin, José Ermírio de Moraes, Alfredo Weiszflog, Jorge Street e os irmãos Jafet, entre outros.

Segundo Miceli, todo o mundo ocidental sofreu o impacto do crack. No Brasil, uns setores mais que outros: o da lavoura de café, por exemplo. Havia na época um processo de especulação que forçava a retenção da colheita dos produtores, uma vez que a lavoura era financiada em até 50% do valor e o preço final do produto ficava abaixo do custo. Para o pesquisador da Unicamp, devido à própria política de



Miceli: além da narrativa.

fixação de preços determinada pelo governo brasileiro, com base nos preços do mercado externo através da Bolsa de Valores de Nova Iorque, o café, principal fonte de renda da época, ia gradativamente experimentando vertiginosa queda nas exportações. Essa situação desvalorizava o produto. Mas, paralelamente, segundo o historiador, a indústria brasileira começava a apresentar sinais de acentuado desenvolvimento, que teve início por ocasião da Primeira Grande Guerra (1914-1918).

A guerra dificultava a importação de máquinas, equipamentos e fornecimento de peças de reposição. Por isso, a indústria brasileira — para não interromper suas atividades — viu-se forçada a fabricar esses produtos internamente. A mesma coisa aconteceu também durante a Segunda Guerra (1939-1945), com novo impulso na produção manufatureira interna. Era preciso produzir aqui o que antes era importado. Simultaneamente, a desvalorização do mil-réis tornou os artigos estrangeiros proibitivos e, por consequência, abriu espaço para a ofensiva da indústria nacional. Segundo relatos da época, Washington Luís (prefeito de São Paulo de 1914 a 1917), costumava dizer que "São Paulo só se realizará quando sua indústria vender seus produtos por preços inferiores aos das outras cidades". Sugeria: "Para vender a preços baratos é necessário produzir e transportar a preços baratos; para produzir e transportar a preços baratos é preciso, principalmente, ter mão-de-obra barata". (A.R.F.)

Vestibular entra em seu sétimo

Quando se tratou de reformular seu vestibular, desvinculando-o da Fuvest e introduzindo nele a redação e as provas discursivas — o que incluía abolir os testes de múltipla escolha —, a Unicamp precisou de alguém que fizesse a logística dessa difícil operação. Foi buscar então o professor Jocimar Archangelo, um profissional com reconhecida experiência na administração de exames de acesso. Nesta entrevista, Jocimar faz um balanço dos sete anos de experiência com o novo vestibular e de seu impacto no ensino de graduação e no sistema de segundo grau.

Jornal da Unicamp - De que maneira sua experiência como professor e educador ligado ao 2º grau contribuiu para a estruturação do novo vestibular da Unicamp?

Jocimar Archangelo - A experiência de mais de 20 anos em cursinho e posteriormente na direção de colégio me levou à convicção de que, no Brasil, o vestibular não poderia continuar a ser encarado como episódio isolado, desvinculado do processo educacional que envolve o jovem desde o primário até a universidade. Acho um equívoco imaginar que o vestibular é apenas um termômetro de seleção sem interferência no sistema como um todo. Acompanhei a evolução desses exames desde o início da década de 60, quando as provas eram feitas pelos professores de cada curso ou faculdade — geralmente provas escritas e orais — até o final da década de 70, quando concluído o movimento de unificação e massificação, multidões de jovens eram reunidos em estádios para responder unicamente a baterias de testes de múltipla escolha. Em 1986, quando fui convidado a participar dos estudos que vinham ocorrendo na Unicamp, visando à implantação dos novos vestibulares, estava convencido de que havia chegado o momento de reverter o processo de seleção de candidatos à Universidade estabelecendo objetivos mais amplos do que a mera classificação dos alunos para ingresso.

JU - De que maneira o atual vestibular da Unicamp, com provas dissertativas, se aproxima do sistema anterior à reforma universitária de 68?

Jocimar - De um modo geral, o atual vestibular da Unicamp não repete o passado, nem inventa algo totalmente novo. Mas, sem dúvida, resgata procedimentos utilizados anteriormente, ajustados aos seus objetivos, e inova na medida em que confere uma dimensão pedagógica ao processo de seleção. Nessa medida, o novo vestibular da Unicamp se contrapõe à concepção de vestibulares vigentes na época de sua implantação.

JU - Que deficiências o senhor detectava no processo de preparação para o vestibular?

Jocimar - A grande deficiência estava no fato de que a preparação para o vestibular visava apenas a fazer o aluno passar no exame, sem nenhuma preocupação com o desenvolvimento das habilidades essenciais para um bom desempenho na universidade. Nesse sentido, o que se fazia, na maioria dos cursinhos, era apenas o adestramento do aluno para responder a determinado tipo de questão. Era priorizado o uso da memória em detrimento do raciocínio. Não se tinha nenhuma preocupação com o desenvolvimento da capacidade de expressão, de argumentação, de análise. Esta sistemática foi empecilhando o trabalho de tal maneira que certos cursinhos chegaram a treinar seus alunos na

identificação da resposta certa de um teste, mesmo quando desconheciam o assunto abordado.

JU - O que pouco ou nada tinha a ver com ensino...

Jocimar - Exatamente. Para se ter uma idéia dos mecanismos que foram se desenvolvendo em alguns cursinhos naquela época, veja que tipo de orientação era dado ao aluno para que tivesse melhor desempenho numa prova de testes de múltipla escolha: "Primeiro, responda às perguntas cujas respostas você tem certeza que sabe. Depois, leia cada uma das questões sobre as quais você tem dúvidas ou não sabe absolutamente nada. Procure eliminar as respostas absurdas. Chute nas frases mais curtas. Geralmente elas são as corretas. Ou, verifique quantas respostas você já deu em cada letra. Como o número de respostas certas é dividido igualmente entre as cinco letras, chute nas letras que até então tiveram o menor número de respostas". Era um joguinho de quebra-cabeças sem o menor sentido.

JU - Quer dizer que os cursinhos da época, em lugar de fazer uma revisão do conteúdo do 2º grau, estavam, na verdade, ensinando macetes?

Jocimar - Não diria isso. Os cursinhos sempre fizeram a revisão do conteúdo solicitado nos programas dos vestibulares. A objeção está na metodologia que utilizava exageradamente o recurso do resumo e dava importância apenas à fixação de alguns conteúdos básicos e ao treinamento para a resolução de exercícios. As apostilas daquela época exemplificam bem o que estou dizendo: tinham meia página de resumo do conteúdo e dez, quinze páginas de exercícios, de testes, mil testes.

JU - A forma de avaliação do vestibular da Unicamp vem contribuindo para a modificação do livro didático com respostas únicas e fechadas?

Jocimar - Penso que sim. Se pegarmos os livros editados depois de 88, quando o vestibular da Unicamp se estabilizou, verificaremos uma diferença significativa, principalmente nos livros de português. Até 86 esses livros eram essencialmente compostos de gramática e de história da literatura. Depois passou-se a ampliar o espaço destinado à produção de textos, a propostas de expressão, muito mais do que às regras gramaticais. São modificações palpáveis. Obviamente isso terá, a médio prazo, influência significativa no ensino de 2º grau, uma vez que o livro didático tem sido, no Brasil, a principal inspiração dos professores no planejamento de seus cursos.

JU - Qual foi o trajeto interno na elaboração do vestibular da Unicamp?

Jocimar - Foi um processo longo, complexo e rico. Durante quatro anos o assunto veio sendo ventilado na antiga Câmara Curricular. Quando, finalmente, no início de 86, foi tomada a decisão de mudar, implantando-se o vestibular próprio, desvinculando a Unicamp do sistema Fuvest, iniciou-se um intenso debate envolvendo todas as unidades sobre os objetivos, as normas e os instrumentos a serem utilizados. A sistematização desses debates ficou a cargo da Câmara Deliberativa dos Vestibulares, que refletia a opinião média da Universidade. Obviamente havia posições divergentes e era essencial que encontrássemos os pontos de consenso. Os debates nas unidades foram fundamentais. Em algumas unidades eles se aprofundaram bastante, envolvendo praticamen-

te todos os docentes e alunos. Em outras, a participação foi mais restrita. Paralelamente, a Coordenadoria Executiva ia montando toda a estrutura necessária para dar conta do processo de inscrição, elaboração, aplicação, correção de provas e divulgação dos resultados. Foi então elaborado o plano logístico que um vestibular dessa envergadura exige, desde a perfeita organização dos eventos até o total e absoluto sigilo e segurança. Na elaboração do diagnóstico que embasou as propostas apresentadas na Câmara Deliberativa, foi surpreendente, na época, a qualidade da participação dos representantes das engenharias, notadamente da engenharia mecânica. Já naquela época insistia-se na necessidade de estabelecer parâmetros mínimos relativos à capacidade de expressão, de leitura e de redação dos alunos — assunto que hoje preocupa os professores dos cursos de engenharia das universidades dos Estados Unidos, do Canadá, França e da Inglaterra conforme pesquisa apresentada em seminário sobre currículos de engenharia realizado na Faculdade de Engenharia Civil da Unicamp.

JU - Nesses quase sete anos de trabalho, de erros e acertos, como o senhor analisaria a evolução do vestibular da Unicamp?

Jocimar - Acredito que evoluímos significativamente nestes anos. Hoje, não há mais nenhum setor da Comissão de Vestibulares com atividade sazonal. A Câmara Deliberativa, que avalia e normatiza o vestibular e as bancas, que planejam, elaboram e corrigem as provas, reúnem-se quinzenalmente durante todo o ano. Essa postura de avaliação e crítica interna permanente, embasada nos dados e relatórios dos grupos de pesquisa, possibilitam a melhoria da qualidade de nossos processos de elaboração e correção das provas, de nossa organização e de uma interação com as escolas de 2º grau e com a própria Universidade.

JU - Quais são as principais alterações previstas no Vestibular-93?

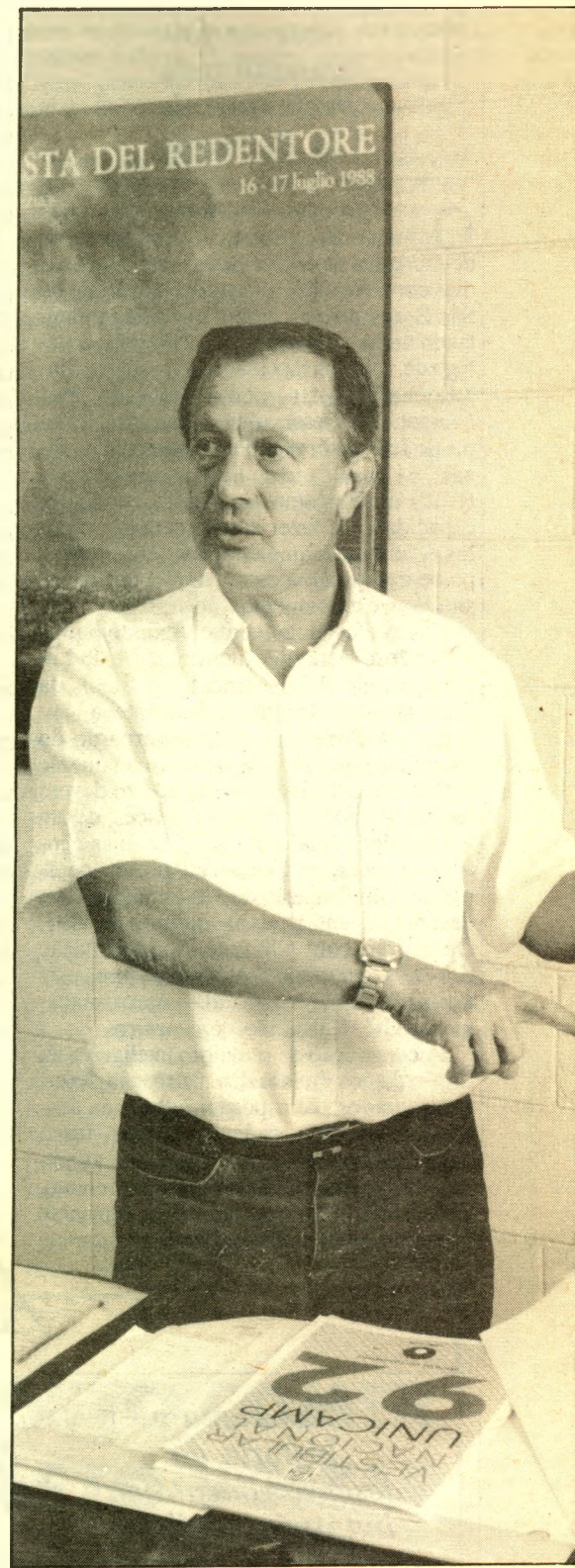
Jocimar - As grandes novidades são a criação do curso noturno de ciências biológicas, com 40 vagas, — o que eleva para nove o número de cursos noturnos na Unicamp — e a expansão dos locais de exame. A partir deste ano teremos inscrições e provas também em Sorocaba e Jundiá. Outra novidade, esta para 94, é a inclusão de provas de desenho para os candidatos ao curso de engenharia civil.

JU - De onde provêm os recursos para a operacionalização dos exames?

Jocimar - Das inscrições dos candidatos. O vestibular se auto-financia. Com a taxa de inscrição arcamos não só com todas as despesas relativas à execução do vestibular como também com a aquisição de equipamentos e todo o suporte técnico-operacional necessário. Nosso orçamento não se esgota no último dia do exame. É programado para durar o ano inteiro. Só tivemos déficit no primeiro ano.

JU - Como se dá o trabalho de elaboração das provas?

Jocimar - As bancas trabalham durante o ano todo. No 1º semestre, de posse dos dados produzidos pelos grupos de Estatística e Pesquisa, os quatro professores que compõem cada banca fazem suas análises e elaboram relatórios sobre a prova do ano anterior. Após amplo debate entre os presidentes de banca e a Coordenação Acadêmica, estabelecem-se as diretrizes para as provas do ano seguinte. Inicia-se, então, o planejamento e a elaboração das ques-



Jocimar: "O vestibular não é apenas..."





OFERECE:

- CURSOS REGULARES
- CURSOS INTENSIVOS
- FRANCÊS INSTRUMENTAL
- TRADUÇÃO

MATRÍCULAS ABERTAS PARA O 2º SEMESTRE

INFORME-SE
F: 31-4090/32-6247

R. JOSÉ THEODORO DE LIMA, 66
CAMBUI - CAMPINAS

NÃO PERCA TEMPO,
NEM DINHEIRO...
"FAÇA AGORA
O QUE VOCÊ
PODE PRECISAR
AMANHÃ !"

GANHE 15% DE DESCONTO
APRESENTANDO ESTE ANÚNCIO





**ABERTA DIARIAMENTE
DAS 18 ÀS 23 Hs.**

DISK PIZZA 39-3514

FORNO À LENHA

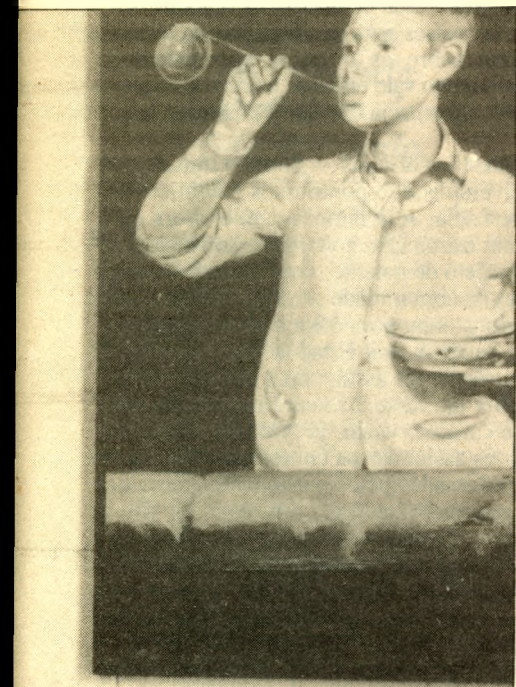
AV. SANTA ISABEL, 405 - BARÃO GERALDO





r Archangelo

ano com modelo consolidado



tões. Por uma questão de segurança, cada banca produz duas provas: uma será aplicada, a outra permanece na reserva. Até hoje não foi necessário usar nenhuma prova reserva, mas sempre é bom manter a cautela. No 2º semestre, além de elaborar as questões, as bancas recrutam os corretores em setembro, dão cursos de treinamento em outubro e começo de novembro, selecionam os corretores ainda em novembro, orientam e participam da correção efetiva em dezembro e janeiro. Em março o processo recomeça.

JU - Percebe-se, ao longo dos anos, uma leitura mais atenta dos enunciados?

Jocimar - Os alunos estão lendo muito melhor as provas. Nos vestibulares de 87 e 88, percebia-se uma leitura desatenta do enunciado. Muitos alunos liam apenas a primeira frase e já partiam para uma resposta qualquer. Hoje a leitura é bem mais atenta e competente. Por outro lado, nas respostas ao questionário, um maior percentual de candidatos vem declarando anualmente que está lendo mais jornais e revistas.

JU - Como anda a leitura dos livros obrigatórios?

Jocimar - Para os cursos de alta demanda, muito bem. Tanto que os candidatos aos cursos de medicina e engenharia elétrica obtiveram as maiores médias em literatura, demonstrando que efetivamente leram os livros indicados. No geral, no entanto, embora as médias tenham melhorado um pouco em relação aos anos anteriores, ainda consideramos o resultado insuficiente.

JU - Algumas universidades brasileiras, que se apoiaram nas mudanças da Unicamp e elevaram as exigências do vestibular com a introdução de notas de corte altas, foram obrigadas a voltar atrás devido ao grande índice de sobra de vagas. Como o senhor vê esse momento de travessia nos exames de vestibular do país? É necessário que cada instituição encontre seu próprio caminho?

Jocimar - Não se pode esperar que a travessia do modelo único e centralizado, imposto às instituições de ensino superior do país nos anos 70, para os projetos próprios e adequados aos objetivos e à realidade de cada universidade, se faça somente de sucessos. Haverá também recuos como no caso das universidades a que você se referiu. Mas o importante é que, a cada ano, aumenta no país o número de propostas novas, interessantes e equilibradas.

JU - Na Unicamp, o peso atribuído à redação é às vezes questionado. Qual é o real objetivo da Universidade?

Jocimar - Desejamos que os alunos de 1º e 2º graus sejam levados a desenvolver a capacidade de expressão. Não sonhamos com alunos escritores, poetas ou jornalistas. Queremos apenas que sejam capazes de transmitir suas idéias de uma forma clara e coerente. A boa redação é condição necessária mas não suficiente para o aluno ingressar na Unicamp. Garante apenas que passe à segunda fase. Nesse sentido, ao contrário do que muitos dizem, o aluno que sabe mais física ou matemática não é prejudicado. Exigimos dele, em redação, apenas o desempenho mínimo necessário a qualquer aluno que termina o 2º grau. Não pedimos absoluta correção gramatical nem vocabulário sofisticado. Os erros só têm peso quando comprometem o sentido. Aí ele é grave. Já na segunda fase, as provas têm no mínimo três grandes patamares. Existem as questões de bai-

xa complexidade que todos os alunos formados no segundo grau devem ter condições de responder. No segundo grupo, temos as questões de média complexidade. Aí se exige mais. Os alunos que conhecem bem o conteúdo vão obter os melhores resultados. E, finalmente, o terceiro grupo com quesitos de alta complexidade, onde se dá de fato a discriminação nos cursos de alta demanda.

JU - Há quem considere 16 questões dissertativas um número muito grande para ser respondido no exame de vestibular. O que o senhor acha?

Jocimar - Essa é uma das questões que temos discutido muito com as bancas e na Câmara Deliberativa. Efetivamente existem conselheiros, professores pertencentes às bancas e candidatos que consideram exagerado o número de questões na 2ª fase. Nós, no entanto, não chegamos ainda a uma posição definitiva. Registramos nos três últimos vestibulares o momento de saída dos candidatos das salas de provas e constatamos que a maioria permanece aproximadamente três horas. Cerca de 15% permanece até se esgotarem as quatro horas estipuladas e a maioria passa a limpo os rascunhos que faz. A redução do número de questões tem contra si o argumento de que assim se reduz a abrangência da prova.

JU - O caminho aberto pela Unicamp, que começa a ser trilhado por outras instituições, ainda que com adaptações, seria um indicador de que a Universidade está no caminho certo ao retomar as questões dissertativas e abandonar definitivamente os testes de múltipla escolha?

Jocimar - Com certeza. Esse foi o grande mérito da Unicamp. Existia um clima de insatisfação no país com o sistema de vestibular vigente. Buscavam-se saídas. Soubemos captar o anseio nacional e tivemos a coragem e a ousa-

dia de sair à frente. A Unicamp vivia na época o momento mais fecundo de sua institucionalização. Estava aberta às mudanças e disposta a enfrentar desafios.

JU - A Unicamp sofreu pressões ao modificar seu vestibular?

Jocimar - Pressões, nunca! Apenas uma espécie de silêncio, no primeiro momento. Uma expectativa cautelosa da mídia e recomendações, por parte de certos cursinhos, para que seus alunos se inscrevessem na Fuvest, onde o modelo já era sobejamente conhecido, e não na Unicamp, que representava o desconhecido.

JU - Como está o processo de integração com o ensino de segundo grau?

Jocimar - Durante esses sete anos, temos ampliado gradativamente nossa integração com as escolas de 2º grau. Desde 89, além de terem representantes em nossa Câmara Deliberativa, cerca de 10.000 escolas públicas e particulares vêm recebendo sistematicamente nossos manuais e provas, com a solicitação de comentários, críticas e sugestões. Em 91, demos um passo à frente nesse contato. Promovemos reuniões em 13 cidades da região com os professores de português para apresentar os objetivos, o processo de elaboração e os critérios de correção das provas de redação e de português. Mostramos ainda o processo de treinamento pelo qual passam os professores que corrigem as nossas provas. Participaram dessas reuniões 800 professores. Agora estamos ampliando esse trabalho. Vamos convidar também os professores de matemática, química, história, inglês e francês. Pretendemos discutir diretamente com quem está em sala de aula trabalhando com os alunos, nossas referências metodológicas. Acreditamos que assim estamos dando passos concretos e eficientes na consecução de nossos objetivos. (G.C.)



um termômetro de seleção".

credito que evoluímos muito nos últimos anos, com a melhoria dos processos de elaboração e correção das provas e uma interação crescente com as escolas de segundo grau".

Lista de livros tem novidades

A lista de 15 livros obrigatórios para a prova de literatura do vestibular-93 da Unicamp contém três alterações em relação ao vestibular do ano passado. O exame, que pressupõe a leitura integral dos textos de literatura portuguesa e brasileira, teve incluídas as obras Dom Casmurro (Machado de Assis), Vidas Secas (Graciliano Ramos) e O Ateneu (Raul Pompéia).

Deixam de constar da lista, respectivamente os livros O Alienista (Machado de Assis), São Bernardo (Graciliano Ramos) e Serafim Ponte Grande (Oswald de Andrade). Esses textos já foram exaustivamente utilizados em questões de provas anteriores.

A lista integral do vestibular-93 da Unicamp contempla as seguintes obras:

Literatura Portuguesa - Frei Luís de Souza (Almeida Garret), Amor de Perdição (Camilo Castelo Branco), O Primo Basílio (Eça de Queiroz), A Confissão de Lúcio (Mário de Sá-Carneiro) e Os Bichos (Miguel Torga).

Literatura Brasileira - Memórias de um Sargento de Milícias (Manuel Antônio de Almeida), Senhora (José de Alencar), Dom Casmurro (Machado de Assis), Triste Fim de Policarpo Quaresma (Lima Barreto), O Ateneu (Raul Pompéia), Contos Novos (Mário de Andrade), Vidas Secas (Graciliano Ramos), A Moratória (Jorge Andrade), Sagarana (João Guimarães Rosa) e Perto do Coração Selvagem (Clarice Lispector).

Venda de manual começa em agosto

O calendário para os exames do vestibular-93 da Unicamp é o seguinte:

20/08 a 18/09/92 - Venda do Manual e recolhimento da taxa de inscrição.

19 e 20/09/92 - Entrega da ficha de inscrição.

22/11/92 - Publicação dos locais de exame.

29/11/92 - Realização das provas da primeira fase.

23/12/92 - Convocação dos aprovados para a segunda fase.

10 a 13/01/93 - Exames das provas da segunda fase.

18 a 21/01/93 - Exames de aptidão.

03/02/93 - Divulgação dos aprovados (1ª chamada da 1ª lista de espera).

05/02/93 - Matrícula dos aprovados na 1ª chamada.

09/02/93 - Matrícula dos classificados na 1ª lista de espera.

16/02/93 - Confirmação de matrícula.

25/02/93 - Matrícula dos classificados na 2ª chamada.

26/02/93 - Matrícula dos classificados na 2ª lista de espera.

EUROPA - TARIFAS ESPECIAIS

VOANDO LUFTHANSA - VASP

A PARTIR DE US\$ 1.000

TEMOS PREÇO GARANTIDO PARA QUALQUER

PARTE DO BRASIL ATÉ DEZEMBRO DE 92

OKTOBERFEST - OUTUBRO

GARANTA SEU LUGAR!

SAÍDA: BARÃO E CAMPINAS

CONSULTE - NOS !!!



BALI TUR VIAGENS E TURISMO

R. HORÁCIO LEONARDI, 92 - GALERIA NAHAS - LOJA 9 - BARÃO GERALDO

TELE-FAX (0192) 39-3881 - FONE: 39-1504 - CAMPINAS - S.P.

HOMENAGEM AOS PAIS

ABASTECENDO 30 Lts. A/G DE 01 A 09/08

GANHE UM INESQUECÍVEL PORTA CARTÕES

- OFERTAS P/ AGOSTO -

- ESSO SUPER SF 1 L. P/ 5.000Km. \$ 8.000,
- TOP SUPER SG 1 L. P/ 10.000 Km. \$10.000,
- BARDAHL B12 \$ 15.000,
- ABASTEÇA COM DESCONTO E PAGUE COM CHEQUE PRÉ
- CARTÕES DE CRÉDITO NA SUPER TROCA E ALGO +



AUTO POSTO VÔ JOÃO

ESTRADA DA RHODIA, 2.151 (AO LADO DO PANTANAL) BARÃO GERALDO

Unicamp faz balanço da Eco-92

Encontro realizado no Rio atinge parcialmente seus objetivos.

Levar à sociedade e ao escalão superior internacional o debate sobre meio-ambiente e desenvolvimento. Este foi um dos resultados positivos imediatos produzido pela Conferência Rio-92. A constatação é de um grupo de ecólogos e sociólogos do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) da Unicamp, que também participou do evento. O Fórum de debates — formado pelas organizações não-governamentais —, agiu como formador de opinião. Criou-se um fato político, reunindo de forma inédita o maior número de chefes de Estado num só local. Presidentes, primeiro-ministros e reis, com suas respectivas comitivas de cientistas e representantes de instituições ligadas ao tema, estiveram presentes à Conferência das Nações Unidas sobre Meio-Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, realizada no Rio de Janeiro, no período de 3 a 14 de junho último.

Outro objetivo do Fórum Global, também cumprido, foi o estabelecimento de estratégias de ação conjunta entre as entidades não-governamentais ambientalistas e outros movimentos sociais de todo o mundo, organizando redes de comunicação entre esses movimentos, além da troca de conhecimentos sobre diversos assuntos, visando à maior aproximação do Terceiro Mundo com os países centrais. "Na Unicamp, esse trabalho vem sendo desenvolvido há algum tempo, através de encontros e eventos, muito antes de se pensar na Eco-92", afirma a ecóloga e socióloga do Nepam, Lúcia da Costa Ferreira.

Também foi meta do encontro preparar um lobby junto aos representantes oficiais, no que se refere às questões mais polêmicas. No entanto, para o biólogo Carlos Al-



Sônia, Joly e Alpina: troca de conhecimentos.

fredo Joly, do Instituto de Biologia (IB) da Universidade e participante das reuniões oficiais da Eco, esse item não foi cumprido pelos membros do Fórum Global. "Os grupos eram muitos e bastante diversificados", justifica a bióloga e socióloga Sônia Regina Barbosa (Nepam). A bióloga Alpina Begossi (Nepam), que também esteve presente aos debates, lembra que os participantes estiveram reunidos em mais de 30 tendas, sem contar os auditórios espalhados em vários locais, o que acabou dificultando o cumprimento de alguns itens propostos.

A exemplo de outras universidades, a Unicamp participou da Rio-92 como uma entidade não-governamental. O papel de seus representantes nas reuniões era o de acompanhar os acontecimentos e relatórios à comunidade acadêmica. O biólogo Carlos Alfredo Joly foi um dos pou-

cos pesquisadores que teve acesso à parte oficial.

Ao contrário da maioria das delegações estrangeiras que trouxe como pessoal de apoio representantes de entidades ambientalistas e cientistas especializados em cada área de discussão, o Brasil priorizou os diplomatas, alegando que poderia, com certa facilidade, convocar seus especialistas em caso de necessidade. Os pesquisadores do Nepam afirmam que essa não foi a melhor postura. "Um especialista que não foi previamente contactado poderia estar cumprindo uma agenda de compromissos inclusive fora do país e não se encontrar à disposição das autoridades".

Ainda assim, a Rio-92 acabou não sofrendo prejuízos nesse sentido, porque a elaboração da parte técnica dos textos, que exigiu a participação direta de profissionais especializados, foi preparada com certa an-

tecedência, restando apenas as negociações entre os países para se chegar a um termo mínimo sobre as questões apresentadas. "Nesse ponto vale ressaltar o bom desempenho da diplomacia brasileira", assinala Joly.

Questões oficiais — Sobre o tratado da biodiversidade, o ponto mais polêmico da conferência, Joly lembra que, embora esteja em tramitação no Congresso Nacional um projeto de patentes contrariando as posições da comunidade científica, o texto do tratado ganhou nova ótica nas negociações. Com exceção dos Estados Unidos, todos os outros países assinaram o acordo. "Resta saber agora se isso será implementado ou se cairá no vazio, já que todas as convenções assinadas na conferência têm que ser endossadas pelos parlamentos de seus respectivos países", diz o biólogo da Unicamp.

O tratado de florestas, outro ponto importante da conferência, não apresentou muita evolução, segundo Joly. Seu texto propunha a criação de uma legislação que estabelecesse cotas de aproveitamento de madeira dos países signatários. Mas os representantes do sudeste asiático, especialmente os da Malásia, cujo principal sustentáculo econômico é a comercialização da madeira, mantiveram uma posição contrária às propostas dos demais. "O tratado ficou muito aquém do que se esperava, sem se chegar sequer a um acordo mínimo", frisa o representante da Unicamp. Da mesma forma, o tratado de clima deixou a desejar — afirma ele —, lembrando que os EUA apresentaram um texto acabado e tentaram pressionar os demais países para que não se comprometessem com definições de metas e datas no que se refere aos processos de despoluição ambiental. Apesar de toda a pressão, o Japão e a Comunidade Econômica Européia assinaram com outros países um acordo em separado, definindo seus planos e datas para diminuir a poluição ambiental, responsável principalmente pela emissão de gases envolvidos com o efeito estufa. (L.C.V.)

PAGUE COM CHEQUE, QUE A GENTE SEGURA.

Cheque pré-datado ou ticket: tudo é dinheiro no Supermercado Barão. Você ganha na forma de pagamento, na antecipação da compra e ganha também no preço. Confira.

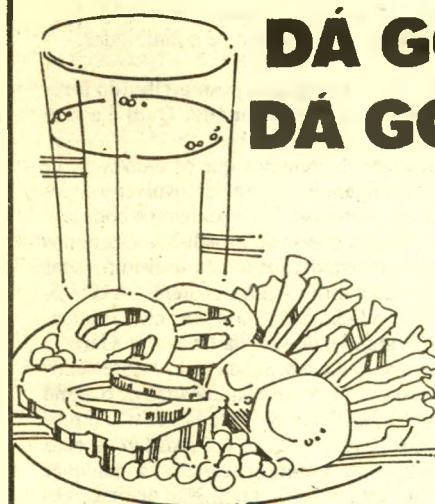


• ENTREGA A DOMICÍLIO • CONVÊNIOS ADUNICAMP E ASSUC •

Barão
SUPERMERCADOS

TUDO À MÃO!

Rua Benedito Alves Aranha - Barão Geraldo



DÁ GOSTO COMER. DÁ GOSTO VOLTAR.

RONDELE

COMIDA POR QUILO
VARIEDADE E QUALIDADE
A SUA ESCOLHA

AGORA EM 3 ENDEREÇOS:

R. BENEDITO A. ARANHA, 44 - CENTRO DE BARÃO. FONE: 39-4566

R. BOA MORTE, 1366 - PIRACICABA. FONE: (0194) 34-5300

R. SACRAMENTO, 104 - CENTRO DE CAMPINAS. FONE 31-2195

Pharmácia Magistral

HOMEOPATIA E LABORATÓRIO DE MANIPULAÇÃO



PLANTÃO:
8 e 9 de
AGOSTO

convênio.

ASSUC
ADUNICAMP
TELEBRÁS
RHODIA

HOMEOPATIA
MANIPULAÇÃO DE FÓRMULA
FLORAIS DE BACH
FLORAIS CALIFORNIANOS

Farmacêutica Homeopata:
Denise Derly Saburi
CRF 8.11.888

AV. SANTA IZABEL, 154 - Barão Geraldo FONE: 39-2319

EM DIA

Perlongher ganha prêmio - O professor Néstor Perlongher, do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), foi um dos quatro pesquisadores brasileiros contemplados com o Guggenheim Latin American and Caribbean Fellowship Award-1992. A bolsa-prêmio foi atribuída a 28 pesquisadores latino-americanos e caribenhos dentre os 318 inscritos este ano.

ENCONTROS

Estudos Psicológicos - O Núcleo de Estudos Psicológicos (NEP) da Unicamp, através do Grupo de Saúde Mental e Trabalho, está promovendo debates sobre os mais variados temas. Para agosto estão previstos dois: dia 13, "O papel do profissional de RH nas instituições" e dia 27, "Preparando-se para a Terceira Idade". A entrada é franca. Informações pelo telefone (0192) 39-8432.

Oriente - O professor Amaury Porto de Oliveira, da Universidade de São Paulo, ministrará palestras quinzenalmente no Instituto de Geociências (IG) da Unicamp, sobre a "História recente do Oriente Médio". O ciclo de palestras começa dia 7 de agosto, com o tema "Esplendor e declínio da paz americana no Leste Asiático", prosseguindo dia 21 com "O desafio tecnológico do Japão". Entre setembro e novembro estão previstas mais seis palestras, que acontecem às sextas-feiras, das 10 às 12 horas, no Departamento de Política Científica e Tecnológica do IG.

Cultura Tecnológica - Cultura tecnológica e formação profissional é o tema do seminário que acontece na Faculdade de Educação da Unicamp, nos dias 24 e 25 de agosto. Organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Trabalho e Educação, o seminário será aberto às 14 horas do dia 24, pelo professor José Luís Sanfelice, diretor da Faculdade de Educação. Estão previstas, ainda, três mesas-redondas com os seguintes temas: "Formação científica e tecnológica", "Cultura tecnológica na perspectiva gerencial" e "Cultura tecnológica na perspectiva dos trabalhadores". As inscrições serão aceitas no local. Demais informações pelo telefone 39-7024 ou 39-7921.

CURSOS

Mestrado I - O Instituto de Artes (IA) da Unicamp recebe inscrições para dois cursos de mestrado. Os candidatos para Múltiplos podem se candidatar às 10 vagas existentes até 22 de agosto. Já para Artes há 15 vagas, cujas inscrições podem ser efetuadas até 18 de setembro. A secretaria de pós-graduação do IA fornece outras informações através do telefone (0192) 39-7196.

Mestrado II - O Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) recebe inscrições para mestrado em Linguística Aplicada, cujo prazo final se encerra no primeiro dia útil de outubro. Durante o mês de setembro estarão abertas as inscrições para mestrado e doutorado em Linguística e, entre setembro e outubro, também mestrado e doutorado para Teoria Literária. Outras informações pelo telefone 39-8421.

Estágio remunerado - O Instituto de Geociências (IG) da Unicamp está recebendo inscrições de estudantes para estágio remunerado. O prazo para a remessa do material necessário, que pode ser feito por correio (Instituto de Geociências - caixa postal 6152 - 13081-970 - Campinas - SP), encerra-se a 13 de agosto. Há vagas para alunos de nível médio (técnico químico) e superior. O telefone de contato do IG é o (0192) 39-8271.

Extensão - A Escola de Extensão (Extecamp) da Unicamp está com inscrições abertas para diversos cursos neste segundo semestre. São mais de 500 opções nas áreas de educação, tecnologia, artes, planejamento e ciência e saúde. A Extecamp fornece mais informações através do telefone (0192) 39-8690 ou pela caixa postal 6085, em Campinas.

EXPOSIÇÕES

Índigena - "Brasil indígena: mostra de gravuras" é o nome da exposição que a Coleção de Obras Raras mantém aberta ao público até 25 de setembro, no 3º piso da Biblioteca Central da Unicamp. A exposição fica aberta das 9 às 17 horas.

Revolução de 32 - O Centro de Memória (CMU) da Unicamp mantém até o dia 28 de agosto uma exposição sobre a Revolução Constitucionalista de 32. Composta de jornais e revistas da época, além de material usado pelos constitucionalistas, a exposição pode ser visitada das 9 às 17 horas, na galeria do Centro de Memória, situada no Ciclo Básico da Universidade. A mostra é organizada pela biblioteca do CMU.

TESES

Biologia

"Estrutura das comunidades arbóreas de mata de galeria da estação ecológica do panga (Uberlândia, MG)" (doutorado). Candidato:

VIDA UNIVERSITÁRIA

FIT promove nova edição em setembro

O Instituto de Artes (IA) da Unicamp promove de 16 a 27 de setembro a terceira edição do Festival Internacional de Teatro (FIT). Durante doze dias grupos do Brasil e do exterior estarão se apresentando no teatro interno do Centro de Convivência Cultural e no Teatro Castro Mendes, além de espaços alternativos como *Tulha do Proença, Largo do Café, Colégio Evolução, Parque Portugal (Taquaral), Parque Ecológico e Praça Maior (antiga Pedreira do Chapadão)*.

Segundo o coordenador geral do FIT, Marcos Kaloy, este ano estarão desfilan-

do pelos palcos de Campinas grupos dos Estados Unidos, Alemanha, França, Bélgica, Finlândia e Polônia. Serão realizadas três oficinas-montagem e dois workshops especiais.

A coordenação do FIT comunica também que os grupos interessados em se apresentar paralelamente à mostra oficial devem entrar em contato através do telefone (0192) 39-8644 até o dia 10 de agosto. O Festival Internacional de Teatro é uma realização conjunta entre Unicamp e Prefeitura Municipal de Campinas, com patrocínio do Banespa.

Ivan Schiavini Silva. Orientador: professor Carlos Alfredo Joly. Dia: 3 de julho.

"Dinâmica de equilíbrio em populações experimentais de - cochlomyia macellaria (diptera: calliphoridae)" (doutorado). Candidato: Odair Benedito Ribeiro. Orientador: professor Sérgio Furtado dos Reis. Dia: 6 de julho.

"Dinâmica populacional de chrysomya putoria (wiedemann) (diptera: calliphoridae)" (mestrado). Candidato: Wesley Augusto Conde Godoy. Orientador: professor Sérgio Furtado dos Reis. Dia: 7 de julho.

Ciência da Computação

"Sadam - um sistema para aquisição de dados meteorológicos" (mestrado). Candidato: Paulo César Centoducate. Orientador: professor Nelson Castro Machado. Dia: 8 de julho.

Estatística

"Estimação de parâmetros para certos processos gaussianos sob diferentes esquemas amostrais" (mestrado). Candidato: Aluísio de Souza Pinheiro. Orientador: professor Mauro Sérgio de Freitas Marques.

"Modelos para testes com respostas dicotômicas com principal enfoque em teoria de resposta de ítems" (mestrado). Candidata: Márcia Milena Pivatto. Orientadora: professora Clarice Azevedo de Luna Freire. Dia: 9 de julho.

"Intervalos de confiança assintóticos para razão de proporções binomiais na presença de estratificação" (mestrado). Candidato: Aloísio Joaquim Freitas Ribeiro. Orientadora: professora Eliana Heiser de Freitas Marques. Dia: 13 de julho.

Estimação do ponto de mudança de média em seqüências de variáveis aleatórias" (mestrado). Candidata: Elaine Borghi. Orientador: professor Mauro Sérgio de Freitas Marques. Dia: 17 de julho.

"Um estudo comparativo de L-estimadores de regressão" (mestrado). Candidata: Hildete Sá Cavalcante Prisco. Orientadora: professora Gabriela Stangenhans. Dia: 22 de julho.

Engenharia Agrícola

"Controle automático de profundidade de semeadura" (mestrado). Candidato: Arcenio Sattler. Orientador: professor Cláudio Bianor Sverzut. Dia: 8 de julho.

"Bambu: o comportamento hidráulico de tubos de bambu gigante" (mestrado). Candidato: José Adolfo de Almeida Neto. Orientador: professor Roberto Testezlaf. Dia: 10 de julho.

Engenharia Elétrica

"Uma metodologia de criação de sistemas de auxílio a projetos" (mestrado). Candidato: Guido José Martins Villavicencio. Orientador: professor Maurício Ferreira Magalhães. Dia: 3 de julho.

"Um sistema para auxílio ao projeto de redes locais de computadores orsi/iso" (mestrado). Candidato: Suhel Georges Zogheib. Orientador: professor Manuel de Jesus Mendes. Dia: 3 de julho.

"Generalização do decodificador multiestágio: proposição e análise de desempenho" (mestrado). Candidato: Bartolomeu Ferreira Uchôa Filho. Orientador: professor Reginaldo Palazzo Júnior. Dia: 6 de julho.

"Subamostragem não espectro-interferente de sinais de vídeo composto pal-m empregando taxas sub-nyquist" (mestrado). Candidato: Afonso Decio Júnior. Orientador: professor Luiz César Martini. Dia: 7 de julho.

"Método rigoroso das diferenças finitas em análise de estruturas de guias dielétricos anisotrópicos com perfil de índice de refração variável" (doutorado). Candidato: Carlos Leônidas da Silva Souza Sobrinho. Orientador: professor Atílio José Giarola. Dia: 13 de julho.

"Lógica temporal de tempo real generalizada aplicada ao controle e simulação de sistemas di-

lo Souza. Orientador: professor Euclides de Mesquita Neto. Dia: 31 de julho.

Engenharia Química

"Estudo da transferência de oxigênio em um reator de leito fluidizado trifásico no processo de oxidação do etanol a ácido acético por células de acetobacter" (mestrado). Candidato: Eduardo David Dabdoub Paz. Orientadora: professora Maria Helena Andrade Santana. Dia: 8 de julho.

Física

"Órbitas periódicas em conjuntos homoclínicos a um parâmetro" (mestrado). Candidato: Francisco Arpad Bajay. Orientador: professor Marcus Aloízio Martinez de Aguiar. Dia: 7 de julho.

"Uma proposta de cálculo do propagador da equação de schrödinger para o potencial degrau, via decomposição de trajetórias" (mestrado). Candidato: Túlio Oliveira de Carvalho. Orientador: professor Amir Ordacgi Caldeira. Dia: 9 de julho.

"Quebra de simetrias em sistemas hamiltonianos: efeitos clássicos e quânticos" (mestrado). Candidata: Sandra Denise Prado. Orientador: professor Marcus Aloízio Martinez de Aguiar. Dia: 15 de julho.

"Cálculo de dinâmica molecular em metais e ligas com o uso da teoria do pseudo-potencial" (doutorado). Candidato: Momotaro Imaizumi. Orientador: professor Bernardo Laks. Dia: 16 de julho.

"Geração de fótons muito duros por espalhamento compton inverso da radiação síncrotron" (mestrado). Candidato: Antonio Luiz Fernandes Marques. Orientadora: professora Carola Dobrigkeit Chinellato. Dia: 17 de julho.

"Espectroscopia à alta resolução do CD OH" (doutorado). Candidato: João Carlos Silos de Moraes. Orientador: professor Daniel Pereira. Dia: 17 de julho.

"Operador de dirac, espaços de riemann-cartan-weyl e a natureza do campo gravitacional" (doutorado). Candidato: Quintino Augusto Gomes de Souza. Orientador: Waldyr Alves Rodrigues Júnior. Dia: 17 de julho.

Linguagem

"A posição dos críticos em português; um estudo diacrônico" (mestrado). Candidato: Emílio Gozze Pagotto. Orientadora: professora Charlotte Chambelland Galves. Dia: 3 de julho.

"Leitura de propaganda de agrotóxicos - contribuição aos estudos da ideologia da modernização" (mestrado). Candidato: Valdir Heitor Barzotto. Orientador: professor João Vanderley Geraldi. Dia: 3 de julho.

Medicina

"Esvaziamento gástrico de sacarose e malose em ratos adultos; relação com os níveis das dissacarídes específicas na mucosa do intestino delgado" (mestrado). Candidato: Fernando de Almeida Machado. Orientador: professor Edgard Ferro Collares. Dia: 24 de julho.

"Efeito da composição lipídica da dieta sobre a função renal em ratos submetidos à nefrectomia 5/6" (mestrado). Candidata: Sumara Zuanazi Pinto Rigatto. Orientador: professor Gentil Alves Filho. Dia: 31 de julho.

Química

"Síntese, caracterização e aplicações analíticas do óxido de zircônio (IV) altamente disperso sobre a superfície da sílica gel" (mestrado). Candidato: Carlos Roberto de Menezes Peixoto. Orientador: professor Yoshitaka Gushikem. Dia: 8 de julho.

"Oxidação catalítica de ciclohexano com peróxido de hidrogênio em condições ambientais" (mestrado). Candidato: Wagner Alves Carvalho. Orientador: professor Ulf Friedrich Schuchardt. Dia: 10 de julho.

"Estudos de novos suportes para catalisadores de ziegler-natta" (doutorado). Candidata: Soraya Jericó de Carvalho. Orientador: professor Ulf Friedrich Schuchardt. Dia: 31 de julho.

SEU CORPO MERECE !!!



ATLÉTICA LIVRE

* CONVÊNIO ADUNICAMP
* ASSUC
DESCONTOS P/ ESTUDANTES DA UNICAMP.

VENHA CONHECER UM ESPAÇO DIFERENTE !

- Várias modalidades de atividade física
- Classes pequenas (+ individualizadas)
- Professores capacitados pela UNICAMP
- Ginástica p/ todas as faixas etárias
- Ginástica olímpica p/ crianças
- Capoeira (Mestre Salvador)
- Danças de salão e Dança livre

Venha conhecer SPORTELO moda esporte

AV. ROMEU TÓRTIMA, 388 (AV. 1) - F: 39-1901

Unicamp aguarda seus estrangeiros

Universidade foi a maior contemplada no programa da Secretaria de C&T.

Desembarcam em breve na Unicamp 12 novos pesquisadores estrangeiros que chegam ao país através do Programa de Apoio à Participação de Especialistas Estrangeiros, criado pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo. Das oito instituições contempladas a Unicamp é a que recebeu maior número de pesquisadores. O Instituto de Física "Gleb Wataghin" (IFGW), que na década de 60 acolheu estrangeiros do porte de Peter Eisenberg e do próprio Gleb Wataghin, é a unidade da Unicamp que recebe o maior número de especialistas. Ao todo são oito que auxiliarão nos trabalhos realizados no Departamento de Raios Cósmicos.

A contratação desses especialistas exigirá investimentos da ordem de US\$ 1,2 milhão, que será alocado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O programa foi lançado em abril último com o objetivo de promover o intercâmbio científico entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros em diferentes áreas do conhecimento. A Secretaria de C&T recebeu pedidos para a contratação de 107 pesquisadores, dos quais 43 foram autorizados após a realização do exame de mérito da solicitação pela Fapesp. Os pesquisadores são procedentes de países como Estados Unidos, Japão, França, Alemanha, Holanda, Rússia, Bulgária, Espanha, Cuba, Dinamarca, Ucrânia, Inglaterra, Holanda, Portugal, Iugoslávia, África do Sul, Israel e Finlândia.

Segundo o pró-reitor de Pesquisa, professor Armando Turtelli Júnior, a contribuição desse programa à Universidade é muito importante na medida em que o quadro recessivo do país hoje se agrava com a queda na arrecadação do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), dificultando a contratação de novos docentes. Entre os pesquisadores que integram o grupo da Unicamp, está o inglês Lawrence Godfrey, residente na Alemanha e que atuará por seis meses na área de raios cósmicos e cronologia. Também o russo

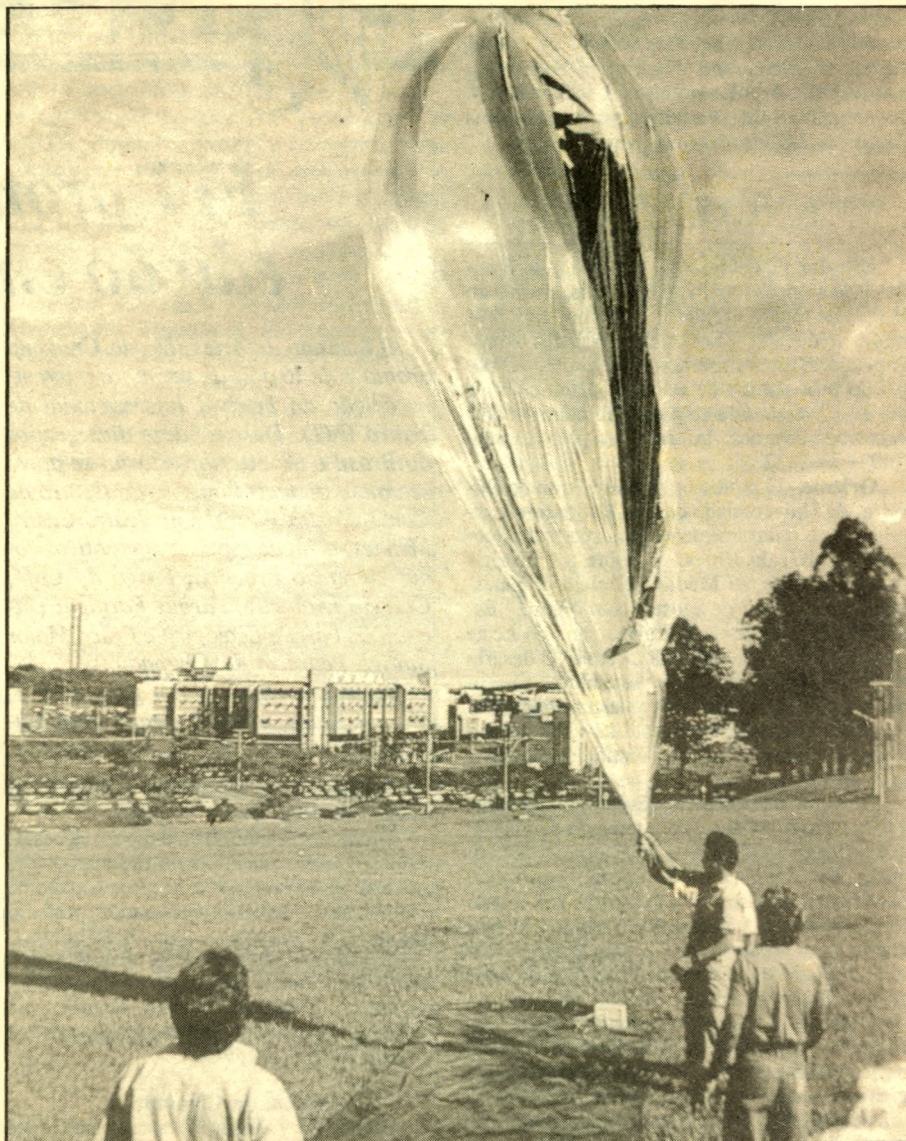
Vladimir Braginsky, da Universidade do Estado de Moscou, que vem para colaborar em pesquisas envolvendo hoje profissionais da área de física no mundo todo: confirmar se existem ondas gravitacionais no universo cósmico. Alguns cientistas acreditam que a variação no campo gravitacional — força de atração entre objetos — pode emitir ondas gravitacionais.

A Unicamp, em conjunto com a USP e o Inpe, está iniciando um projeto para a busca dessas ondas. Braginsky é especialista em astrofísica, mais precisamente na construção de aparelhos com capacidade de medição de ondas extremamente pequenas. A ele caberá participar da montagem de um transdutor, equipamento destinado à medição dessas possíveis ondas. De acordo com Turtelli, será construída uma grande esfera de metal por onde as ondas passariam, deixando pequenas deformações em sua superfície.

Outras autoridades em raios cósmicos — partículas que povoam o universo —, estarão colaborando nos projetos do IFGW. Entre elas, Yuri Stozhkov, do Lebedev Physical Institute, Anatoly Gusev e Galina Pagacheva, da Universidade do Estado de Moscou; Leonid Zazuntin, Vladimir Alexandrovich e Sergei Nikitov, do Geophysical Institute. Eles vêm participar de projetos que visam explicar alterações ecológicas, prever a ocorrência de terremotos e buscar explicações para as alterações na camada de ozônio, através de estudos nas alterações cósmicas na zona conhecida por anomalia magnética.

Trata-se de uma região na atmosfera situada sobre o Hemisfério Sul, onde o campo eletromagnético sofre uma ligeira depressão e se torna fraco. No Brasil o fenômeno ocorre em área situada entre Blumenau (SC) e Cachoeira Paulista (SP), onde há uma espécie de "poço" onde as partículas vindas do espaço "desabam" em função de seu baixo campo magnético. O estudo da evolução das estrelas é também uma outra pesquisa na qual os russos vão participar. Com a chegada dos oito pesquisadores, o IFGW dá novo impulso aos estudos voltados para os fenômenos do universo. "Pesquisas sobre a anomalia magnética e a emissão gama na Galáxia ganham maior velocidade", afirma Turtelli.

Além dos físicos, a Unicamp receberá o francês Jean Paul Frachet, da École Cen-



Pesquisas sobre raios cósmicos podem ganhar novo impulso.

trale de Paris, que trabalhará durante três meses na área de automação industrial (robótica). Os russos Alexandr Ivanov e Alex Tizhilim, da Universidade do Estado de Moscou, virão para a Unicamp realizar pesquisas em matemática, estatística e computação. A iugoslava Desanka Dragosavac, especialista em anestesiologia e medicina intensiva é outro nome aprovado pela Fapesp e que já se encontra em Campinas, onde atua no Hospital de Clínicas (HC) da Universidade (ver matéria abaixo).

Outras instituições receberão também

pesquisadores vinculados ao programa da Secretaria de C&T: Universidade de São Paulo (USP), dez especialistas; Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp), oito; Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo (IPT), cinco; Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital), quatro; Instituto Butantã, dois; Instituto de Botânica, um e Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), um. O maior número de cientistas contratados vem da Rússia (16), seguido de quatro franceses, três norte-americanos e três alemães. (L.C.V.)

De Belgrado a Campinas, a saga de Desanka

Médica chegou ao Brasil para escapar à guerra. Destino: Unicamp.

Quando a Eslovênia e a Croácia declararam sua independência em relação à Iugoslávia, em junho de 1991, e diante da recusa do governo central em aceitar a secessão, teve início uma cruenta guerra civil no país. A luta separatista ganhou fôlego, alastrando-se pelas nações que conviveram durante 60 anos em território comum. Descontente com o clima desagregador que envolve atualmente o seu país, a médica iugoslava Desanka Dragosavac, especialista em anestesiologia e medicina intensiva, deixou a capital Belgrado, onde prestava serviços na Academia Médica Militar. Em outubro do ano passado ela chegou ao Brasil, uma opção consciente, segundo conta: "o brasileiro é um povo bom e comunicativo, muito parecido com o iugoslavo. Aqui me sinto em casa". Desanka é uma entre os 12 cientistas estrangeiros que começam a trabalhar na Unicamp em breve, graças à mediação da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

Ela chegou ao país com pouco dinheiro no bolso e sem saber falar o português. A única pessoa que conhecia era um estudante da USP, que esteve na Iugoslávia, filho de brasileira e iugoslavo residentes em Campinas. "Quando cheguei em São Paulo fui logo procurá-lo", conta ela, lembrando que através dele aportou em Campinas e em seguida na Unicamp, onde fez contatos com pessoas que a ajudaram muito, entre elas o professor Gilberto de Nucci, do

Departamento de Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e o cirurgião cardiovascular Eduardo Sancho, da disciplina de Cirurgia Cardíaca da FCM. Embora tenha irmãos residindo na Suécia e nos Estados Unidos, Desanka decidiu-se pelo Brasil, talvez por influência de uma amiga que aqui viveu durante 20 anos "e sempre falou muito bem do país e do povo brasileiro", justifica.

Descendente de uma família sérvia que há quatro séculos se estabeleceu na Croácia, Desanka não concorda com a política separatista das províncias iugoslavas. Antes de deixar o país, ela vivenciou uma situação dramática, que a auxiliou em seu propósito: não era considerada croata por assinar um sobrenome sérvio, e tampouco sérvia porque se criou e viveu na Croácia. "Meu marido poderia ter sido convocado para ir matar na Croácia os nossos familiares lá estabelecidos", revela, com certo alívio, lembrando que o companheiro e seus dois filhos (uma moça de 15 anos e um menino de cinco), já se encontram no Brasil desde o final de junho.

Até bem pouco tempo, Desanka conseguia sobreviver do dinheiro emprestado de pessoas que nunca tinha visto antes, mas que entenderam a sua disposição para a luta e as dificuldades que enfrentava. Agora, sua vida e a da família começam a mudar. Ela alugou um apartamento no Centro de Campinas e espera que o marido, um engenheiro mecânico que arranha o inglês e o russo, consiga logo se firmar profissionalmente.

Equipamentos — Há menos de um ano no Brasil, a médica iugoslava já fala um português razoável e consegue ler tudo o que chega às suas mãos, especialmente na área de medicina, na qual faz questão de



Desanka ao lado da família: nem croata, nem sérvia.

manter-se atualizada. Para isso estudou sozinho, com a ajuda de gravações em fitas cassete. Na Unicamp ela será responsável pela implantação do programa de suporte circulatório, desenvolvido por Sancho. Esse serviço no HC conta com dois novos equipamentos que a Universidade recebeu ainda neste primeiro semestre. Trata-se de uma bomba centrífuga de assistência circulatória e de um balão de contra-pulsção intra-aórtico que substituem temporariamente as funções do coração e do pulmão. Através dos aparelhos, um candidato a transplante cardíaco, por exemplo, pode aguardar um doador potencial por tempo

prolongado. Um dos equipamentos oferece ao paciente suporte entre sete e 15 dias e o outro, de 30 a 40 dias.

Segundo Eduardo Sancho, a vinda desses equipamentos permitirá um crescimento do número de cirurgias mais complexas. "Eles são poderosos aliados também para pessoas que necessitam de qualquer cirurgia e não podem ser submetidas a elas, em função de problemas cardíacos", explica. Desanka vai participar do desenvolvimento de diversos procedimentos para grupos de pacientes também diferenciados e de programas experimentais e clínicos, visando à obtenção de novas técnicas cirúrgicas. (L.C.V.)

Encarte Especial para
a 12.^a Bienal
Internacional do Livro
Agosto de 1992



Editora da Unicamp define seu perfil

Com o seu perfil editorial plenamente consolidado, a Editora da Unicamp está completando este ano uma década de existência. Fundada a 22 de dezembro de 1982, tem como eixo central a publicação de trabalhos que atendam às necessidades do meio intelectual do país, mantendo uma linha editorial em que prima por obras didáticas, científicas, técnicas, literárias e artísticas. Os temas publicados são abrangentes e a perspectiva até dezembro próximo é ter acrescido em aproximadamente 60 o número de novos títulos.

Até agora a Editora da Unicamp publicou em torno de 300 títulos mantendo, nos últimos anos, em média de quatro livros por mês com tiragem em torno de mil exemplares cada. Isso perfaz, mensalmente, a publicação de três a quatro mil livros ou, anualmente, algo perto de 45 mil exemplares. São distribuídos pela Editora Pontes para todo o Brasil, seja para cidades do interior como para as capitais.

Atendendo à exigência do público não apenas acadêmica, mas também dos leitores em geral, a editora mantém suas publicações vinculadas a séries e coleções que abarcam temas de diferentes áreas do conhecimento. A "Coleção Repertórios" reúne autores clássicos e atuais, com títulos significativos da história do conhe-

cimento. A "Série Manuais" traz textos voltados para os cursos de graduação e fazem parte desta publicação técnica dois dos últimos títulos lançados pela editora: **Introdução à Engenharia Agrícola** e **Seleção de Metais Não Ferrosos**. Já pela "Série Pesquisas" veiculam os resultados de trabalhos científicos.

A "Coleção Viagens da Voz" transforma em livros os acontecimentos importantes ocorridos dentro da Universidade e que possam ser de interesse de um público não necessariamente acadêmico. A "Série Línguas Indígenas" procura fazer circular entre os pesquisadores do assunto informações sobre o tema, enquanto a "Coleção Sobre" traz textos que promovem debates sobre questões cruciais para a vida brasileira e da América Latina. Finalmente a "Série Saúde da Mulher" inclui obras que abordam principalmente temas como ginecologia e obstetrícia.

Política de vendas - Diante desse perfil, a meta da editora agora tem sido adotar uma política de vendas mais agressiva. Em tempos de crise econômica, a inventividade é mais que necessária: se o comprador não vai à livraria, a livraria vai ao comprador. Com esse pensamento fixo a editora adotou, em fevereiro último, um

sistema de venda ambulante. Para isso instalou, com alguma frequência, uma perua no Centro de Campinas, oferecendo descontos de até 60%.

O resultado superou as expectativas: em 15 dias o volume de vendas foi semelhante ao faturamento mensal de uma livraria instalada no campus. "Além do bom volume de negócios, devemos ressaltar o importante papel da editora de levar ao público não acadêmico as produções da Universidade", diz o diretor-executivo do órgão, Eduardo Guimarães.

Outra medida que visa a levar as publicações até o consumidor será tomada em breve com a instalação de pontos flutuantes de venda nas diferentes unidades de ensino e pesquisa da Unicamp. O estande de livros deverá permanecer uma semana em cada instituto ou faculdade, levando aos alunos livros específicos e de outras áreas.

A política agressiva de vendas não pára aí. Em abril foi inaugurada mais uma livraria no campus. O novo espaço está instalado no Ciclo Básico, local estratégico situado no perímetro universitário onde circulam diariamente centenas de alunos. Segundo Eduardo Guimarães, todos os livros — inclusive os publicados em conjunto com outros editores — são oferecidos a preços abaixo do mercado.

Lançamentos vão da política à filosofia

A Editora da Unicamp reservou para a Bienal Internacional do Livro o lançamento de oito obras: **Horas de Leitura**, **A Revolução Tecnológica da Gramatização**, **Gramática do Português Falado**, **A Filosofia do Iluminismo**, **Escritos Políticos**, **Introdução à Engenharia Agrícola**, **Seleção de Metais Não Ferrosos** e **Dilemas Sócio-ambientais e Desenvolvimento Sustentável**. Voltadas tanto para o público acadêmico como para leigos, as publicações abordam temas atuais em linguagem acessível. Vale a pena o leitor conferir.

Horas de Leitura, Primeira e Segunda Séries, de Brito Broca. Reedição ampliada da coletânea de artigos do crítico literário e ensaísta (1903-1961), publicados em 1957 pelo Instituto Nacional do Livro. Ao material original, denominado de "Primeira Série", foi anexada a nova coleção que compõe a "Segunda Série". Curioso do detalhe, em seus artigos o autor revela regiões ainda pouco exploradas das histórias literárias. Broca pretende que o país praticasse uma alta cultura e para isso mantinha-se atento aos meandros do processo de acumulação histórica e literária. Em seu método, história e leitura convertem-se em necessidade uma na outra. A obra é dividida em três segmentos, para cada série: "Temas Estrangeiros", "Temas Nacionais" e "Marginalia". Coleção Repertórios.

A Revolução Tecnológica da Gramatização, de Sylvain Auroux. Recentemente, filósofos e historiadores especializados começaram a estudar, em seu conjunto, o desenvolvimento das ciências da linguagem, a partir de métodos e de pontos de vista que são os da filosofia e da história das ciências, com o mesmo estado de espírito com que se abordam as matemáticas, a física ou a biologia. Traduzida pela linguísta Eni Puccinelli Orlandi, docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, a obra se propõe a abordar quando e em que circunstâncias nasceram as disciplinas consagradas à linguagem, qual é o seu impacto sobre o desenvolvimento cultural humano e quais

são os seus grandes movimentos. O primeiro capítulo da obra sustenta que a escrita é um dos fatores necessários ao aparecimento das ciências da linguagem, enquanto a gramatização é o objeto do segundo e terceiro capítulos. O processo de gramatização mudou profundamente a ecologia da comunicação humana e deu ao Ocidente um meio de conhecimento-dominância sobre as outras culturas do planeta.

Gramática do Português Falado, Volume II: Níveis de Análise Lingüística, organizado por Rodolfo Ilari. Reúne 15 trabalhos apresentados e discutidos no 3.^o Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado, realizado em Águas de Lindóia, em 1989, com o objetivo de preparar uma gramática de consulta referente ao português falado, destinada a leitores cultos não-especializados. Os textos publicados aprofundam ou recolocam questões do seminário. A primeira seção é dedicada à fonética e fonologia, enquanto a segunda volta-se à morfologia. Um dos textos investiga sete prefixos negativos (a-, anti-, contra-, des-, in-, não- e sem-), suas aplicações, diferentes tipos de base e peculiaridades de sentido. Em outro texto se estuda dois processos de formação de novas palavras a partir de adjetivos. A terceira parte do volume inclui textos sobre advérbios e sintaxe da oração. Série Pesquisas.

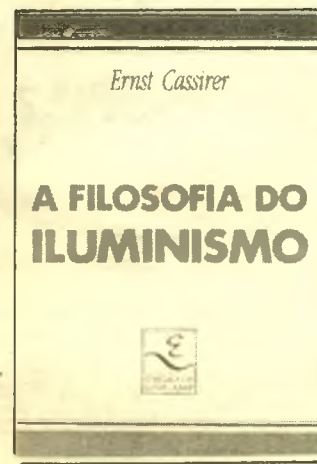
A Filosofia do Iluminismo, de Ernst Cassirer. Filósofo alemão (1874-1945), o autor procura compreender o pensamento iluminista na sua profundidade, "na unidade de sua fonte intelectual e do princípio que a rege". Para isso, toma a história da filosofia não como a discussão dos resultados, mas como a busca das forças criadoras que levam a tais resultados, procurando fornecer uma "fenomenologia do espírito filosófico". Os estudos de Cassirer — para quem o homem pode ser definido como um animal criador de símbolos — sobre a história dos conceitos científicos e sobre as formas simbólicas na arte, na linguagem, no mito, visam mostrar como se dá a estruturação do mundo humano.

Escritos Políticos, de Simón Bolívar. Tradução de Jaques Mario Brand e Josely Vianna Baptista. Trata-se de uma seleção de escritos políticos do "Libertador das Américas", pela qual pretende-se dar a conhecer, ao leitor não familiarizado com o pensamento e a circunstância bolivianos, uma figura de central relevância na história universal do início do século XIX. Os atos de Bolívar foram decisivos para a independência dos povos hispano-americanos e, com isso, para a modificação da estrutura da ordem política mundial. Nunca a América espanhola esteve tão em dia com as correntes histórico-políticas mundiais como no primeiro terço do século XIX. Nesse sentido, Bolívar e sua geração constituem a negação mais absoluta da "legenda negra" da Espanha.

Introdução à Engenharia Agrícola. Coordenadores, Luís A. B. Cortez e Paulo S. G. Magalhães. Voltada ao ensino de graduação, o livro também destina-se a apresentar aos empresários, de forma simples e técnica, a formação e o currículo do engenheiro agrícola, bem como o potencial e campos de atuação deste profissional. A obra aborda os seguintes assuntos: uso dos recursos naturais (água e solos), infra-estrutura na produção agropecuária, planejamento agrícola, tecnologia pós-colheita, manejo agrícola e formação e colocação profissional. Série Manuais.

Seleção de Metais Não Ferrosos, de Ettore Bresciani Filho. É destinada aos alunos do nível de graduação e especialização interessados na área de engenharia de materiais e, em particular, na área de seleção de metais não ferrosos para a construção de sistemas mecânicos de diversas naturezas. Na obra está inserida a experiência acumulada pelo autor em atividades de ensino, pesquisa e consultoria nas áreas de engenharia de material, de fabricação e de qualidade industrial. O livro é, em parte, um sucessor da obra "Propriedade de Metais Não Ferrosos" e foi reorganizado com a apresentação de descrições de alguns metais que não aduziam novos conceitos. Traz ainda um capítulo sobre revestimentos metálicos. Série Manuais.

Dilemas Sócio-ambientais e Desenvolvimento Sustentável, organizado por Daniel Joseph Hogan e Paulo Freire Vieira. Coletânea que reúne textos preparados pelo Grupo de Trabalho "Ecologia, Política e Sociedade" da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, visando a contribuir para o debate das questões ambientais nacionais. O leitor não terá dificuldade em reconhecer a preocupação comum em relacionar o ambiente ao social — num país onde mais de 80% da população moram em cidades e a grande parte em condições miseráveis, esses problemas vão além da tragédia do desmatamento das florestas.





A Unicamp conta atualmente com 14.756 alunos de graduação, de pós e especiais.

Unicamp desenvolve 3.500 pesquisas

Transcorria o ano de 1966. O então governador de São Paulo, Laudo Natel, já havia desapropriado a área onde seria instalada a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pelo valor simbólico de Cr\$ 1.000,00 o alqueire. Na sequência, liberou um montante da ordem de Cr\$ 606 milhões para a construção de um edifício com cinco mil metros quadrados, com projeto já pronto: era o Instituto de Biologia (IB). Após a abertura de concorrência pública para o início da obra, lançou-se a pedra fundamental no dia 5 de outubro daquele ano.

Mesmo num contexto universitário recente, onde a universidade brasileira mais antiga não tem mais de 60 anos, a Unicamp pode ser con-

siderada uma instituição jovem que, não obstante, já conquistou forte tradição no ensino e na pesquisa tecnológica. Seu projeto de instalação veio responder à demanda crescente por pessoal qualificado numa região do Brasil, o Estado de São Paulo, que já nos anos 60 detinha 40% da capacidade industrial do país e 24% de sua população ativa.

Desde os anos 50, os jornais paulistas batiam na tecla da iminência do surgimento de uma nova escola de ensino superior em Campinas, com características diferentes da já existente na cidade, a Universidade Católica. Até então o sistema superior estava voltado para a formação de profissionais liberais solicitados pelo processo de urbanização, como advogados, médicos e engenheiros civis. Necessitava-se, portanto, de uma universidade que desse ênfase especial à pesquisa tecnológica e mantivesse, desde o início, sólida vinculação com o setor produtivo.

anos 80, o projeto completou-se com o florescimento de uma série de cursos no campo das artes, abrangendo as áreas de teatro, dança, artes plásticas e multimeios, além da música, já então existente.

A instalação gradativa dessas unidades ao longo das duas primeiras décadas não invalida, entretanto, que elas tenham emanado de um programa coerente e único. Uma característica da Unicamp foi ter escapado à tradição da criação de universidades pela simples justaposição de cursos e unidades. Basta dizer que, mesmo de instalada, a Unicamp já havia atraído para seus quadros mais de 200 professores estrangeiros de diferentes áreas do conhecimento e cerca de 180 vindos das melhores universidades brasileiras.

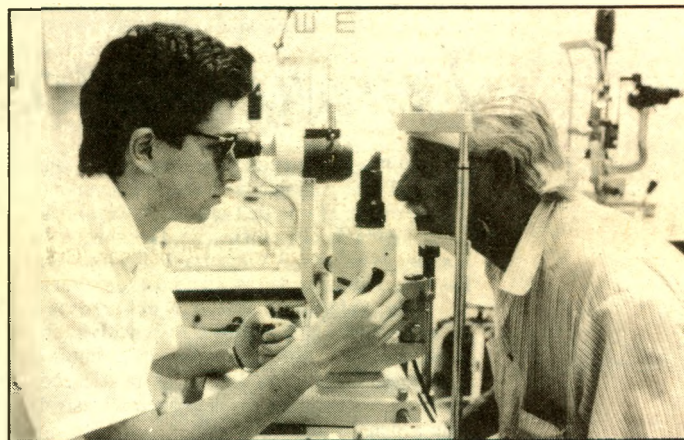
O campus da Unicamp compreende 18 unidades de ensino e pesquisa (a 19ª fica em Piracicaba, a 75 quilômetros de Campinas) e um vasto complexo hospitalar, além de uma série de unidades de apoio num universo onde convivem cerca de 30 mil pessoas e se desenvolvem mais de 3.500 pesquisas. A Unicamp conta com 8.627 alunos de graduação distribuídos por 46 cursos, e 4.947 matriculados em seus 80 cursos de mestrado e doutorado, além de 1.182 alunos especiais em pós-graduação. É a Universidade brasileira com maior índice de alunos na pós-graduação: cerca de 40% de seu corpo discente responde, atualmente, por 10% da totalidade de pós-graduandos em todo o país.

Ao dar ênfase à investigação científica, a Unicamp parte do princípio de que a pesquisa é também uma atividade econômica e como tal deve ser tratada. Daí a naturalidade de suas relações com a indústria, seu fácil diálogo com os organismos de fomento tecnológico e sua rápida inserção no processo produtivo. Tal inserção teve início já nos anos 70, com o desenvolvimento de pesquisas de alta aplicabilidade social, muitas das quais já difundidas e incorporadas à rotina da população, como a digitalização da telefonia, o desenvolvimento da fibra óptica e suas aplicações nas comunicações e na medicina. Acresça-se a estas — e às milhares de outras em andamento — um número notável de pesquisas no campo das ciências sociais e políticas, da economia, da educação, da história, das letras e das artes.

Diálogo internacional — O peso específico de uma universidade se mede por sua capacidade de dialogar com a comunidade científica internacional. No caso da Unicamp, sua extrema juventude não impede que ela dialogue com prestigiosas e seculares instituições da Europa e da América, e que ao mesmo tempo se faça presente na África, na Ásia e na América Latina. A Universidade mantém hoje quase uma centena e meia de convênios de cooperação técnica e científica com mais de 30 nações em quatro continentes. Da britânica e multicentenária Oxford à novíssima Universidade do Gabão, onde há restrições geográficas ou ideológicas. Estados Unidos, Japão, França e Itália são os países que maior número de convênios mantêm com a Unicamp.

Mas nem só de pesquisas e aulas vive uma grande universidade. Ela é grande justamente por ser um centro gerador de idéias, de fatos e — por que não? — também de lazer. São as chamadas atividades de extensão, que comportam, na Unicamp, até mesmo uma boa dose de assistencialismo. Essas atividades se dão no campo da saúde, educação, da difusão cultural e tecnológica e alcançam, inclusive, as relações internas da Universidade.

No contexto da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e do sistema hospitalar da Unicamp, por exemplo, funcionam há anos dezenas de programas de atendimento à população, alguns dos quais — como o de assistência integral à saúde da mulher — alcançaram ressonân-



Oftalmologista examina paciente com catarata no Hospital de Clínicas da Universidade.

Relações com a indústria — Sua tradição com a pesquisa aplicada deu à Unicamp a condição de universidade brasileira que maiores vínculos mantém com o setor de produção de bens e serviços. Só nos últimos anos a instituição firmou mais de 800 contratos com indústrias de todos os ramos, seja para prestação de serviços técnicos, seja para repasse de processos tecnológicos. A intensificação dessa demanda levou a Unicamp a instalar, em outubro de 1990, um Escritório de Transferência de Tecnologia. Num âmbito mais amplo, a Universidade tem liderado o esforço de várias instituições de pesquisa e de empresários de diferentes segmentos para a consolidação de uma efetiva política de aproximação entre universidade e indústria. Esse empenho resultou, em 1991, na criação de um Instituto Universidade-Empresa (Uniemp), com sede em São Paulo.

Em sua estrutura de ensino, pesquisa e apoio técnico, a Unicamp compõem-se de 19 unidades de ensino e pesquisa, sendo 9 institutos e 10 faculdades. Sua estrutura comporta, além disso, dois colégios técnicos, um centro superior de ensino tecnológico e algumas unidades de apoio que mantêm estreito vínculo com as unidades de ensino e pesquisa.

Pesquisadora trabalha em microscópio eletrônico na Faculdade de Engenharia Mecânica.



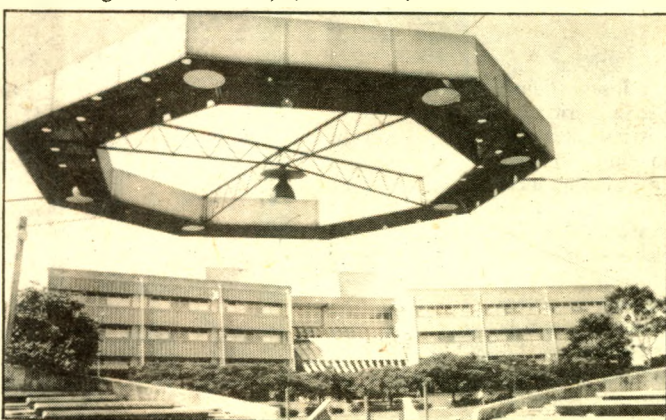
Placa de entrada do campus em Campinas: porta de acesso para 18 unidades de ensino e pesquisa.

Desde os anos 50, os jornais paulistas batiam na tecla da iminência do surgimento de uma nova escola de ensino superior em Campinas, com características diferentes da já existente na cidade, a Universidade Católica. Até então o sistema superior estava voltado para a formação de profissionais liberais solicitados pelo processo de urbanização, como advogados, médicos e engenheiros civis. Necessitava-se, portanto, de uma universidade que desse ênfase especial à pesquisa tecnológica e mantivesse, desde o início, sólida vinculação com o setor produtivo.

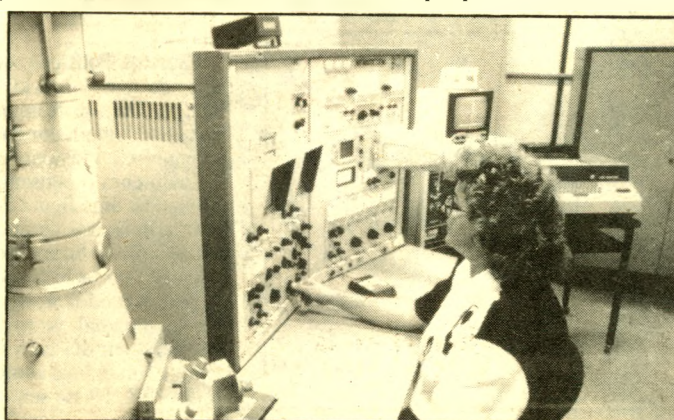
Não por acaso, o plano inicial da Unicamp privilegiou a consolidação dos institutos de ciências básicas (física, química, matemática), orientando-os para projetos tecnológicos como lasers, comunicações óticas e computação. Abriu-se espaço, em seguida, para as carreiras da moderna engenharia — elétrica, mecânica, química, civil, de alimentos e agrícola. A área biomédica já estava, a essa altura, solidificada com os cursos de medicina, biologia e odontologia, mais tarde acrescidos do desenvolvimento física. Os anos 70 viram o desenvolvimento das humanidades (filosofia, ciências sociais, economia, linguística, literatura) e, finalmente, nos

anos 80, o projeto completou-se com o florescimento de uma série de cursos no campo das artes, abrangendo as áreas de teatro, dança, artes plásticas e multimeios, além da música, já então existente.

A instalação gradativa dessas unidades ao longo das duas primeiras décadas não invalida, entretanto, que elas tenham emanado de um programa coerente e único. Uma característica da Unicamp foi ter escapado à tradição da criação de universidades pela simples justaposição de cursos e unidades. Basta dizer que, mesmo de instalada, a Unicamp já havia atraído para seus quadros mais de 200 professores estrangeiros de diferentes áreas do conhecimento e cerca de 180 vindos das melhores universidades brasileiras.



Biblioteca Central, coração de um sistema de 20 bibliotecas setoriais ligadas aos institutos e faculdades.



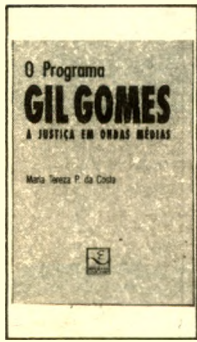
Veja o que está na vitrine



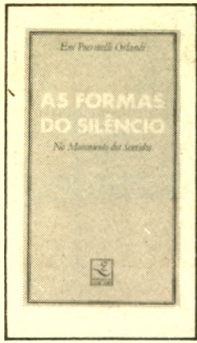
História Natural da Serra do Japi, organizado por Leonor Patrícia Cerdeira Morellato. Impresso em papel couchê e a quatro cores, o livro faz um relato minucioso das riquezas naturais do Japi, ao mesmo tempo em que defende sua preservação. Fartamente ilustrado com 140 fotografias e 190 pranchas com gráficos ou desenhos é um documento vivo da biodiversidade da área. "É um excepcional relato sobre origem geológica, clima, vegetação e animais que habitam a região". Ralph Machado, da *Folha de S. Paulo*. 322 páginas. Cr\$ 122.500,00.



O Selvagem e o Inocente, de David Maybury-Lewis. Publicado originalmente em inglês em 1965, e traduzido por Mariza Corrêa, o livro é um relato etnográfico da experiência do autor e de sua família entre os índios Xerente e Xavante, no Brasil Central, na década de 50. Segundo o antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira, "o fascinante livro de Maybury-Lewis consegue combinar com inigualável talento três características dificilmente encontradas num único texto: o "gênero crônica", "literário" e "confissões". 429 páginas. Cr\$ 90.300,00.



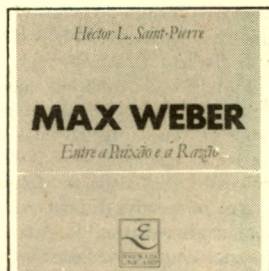
As Formas do Silêncio, de Eni Puccinelli Orlandi. Os múltiplos sentidos do silêncio são analisados pela autora. Ela mostra que o silêncio pode ser tão eloquente quanto a fala. "Estimulado a produzir linguagem o tempo todo, o homem acaba desvalorizando o silêncio, sem se dar conta, no entanto, de que através do uso exarcebado da linguagem a sociedade passa a controlá-lo, a domesticá-lo", explica Orlandi que se refere a Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Chico Buarque como sábios usuários desse recurso. 192 páginas. Cr\$ 44.800,00.



Max Weber - Entre a Paixão e a Razão, de Hector Saint-Pierre. Para o autor, tanto nos trabalhos metodológicos de Max Weber como nos seus escritos políticos, pode-se notar a tensão entre a razão e a paixão. Isso dificulta ainda mais a análise da confusa relação entre ciência e ação no pensamento weberiano. Trata-se do mais recente trabalho sobre a contribuição de Weber para as Ciências Sociais e áreas próximas, "perpassando sua trajetória teórica e prática", assinala Hélio Daniel Cordeiro do *Estado de S. Paulo*, para quem "os resultados do livro são muito positivos". 170 páginas. Cr\$ 50.000,00.



A Justiça em Ondas Médias - o programa Gil Gomes, de Maria Tereza P. da Costa. Durante dez anos a autora analisou os textos do programa Gil Gomes e as cartas enviadas pelos ouvintes ao radialista que é visto como "amigo" e "conselheiro". No livro são discutidos os temas violência urbana e indústria cultural. Estão presentes todas as representações sobre a criminalidade urbana: bandidos, polícia e justiça. 156 páginas. Cr\$ 38.800,00.



Da Pintura, de Leon Battista Alberti. Arquiteto e pintor, filósofo e crítico de arte, Alberti trabalhou com os mais importantes artistas do Renascimento florentino: Donatello, Masaccio e Brunelleschi. Em seu livro o autor mostra os fundamentos teóricos dessa revolução artística. Trata-se da primeira exposição completa das leis da perspectiva, que dominaram a arte ocidental por mais de quatro séculos. Cr\$ 37.500,00.

Pirineus, Caiçaras, de Marlyse Meyer. Falando sobre o teatro italiano do século 16 e sobre o dramaturgo francês Marivaux, criador das graciosas improprias, a autora estuda neste livro a comédia improvisada, a comédia das máscaras, onde os temas eram escolhidos sem escrúpulos, variando das tragicomédias aos contos e enredos loucos, inventados na hora. Da comédia dell'arte Meyer passa para o bailado cênico do Bumba-meu-boi, que incorpora as sátiras sociais, as paródias e até as obscenidades em sua apresentação nos folguedos populares do norte e nordeste brasileiro. 158 páginas. Cr\$ 83.800,00.

A Presença do Povo na Cultura Brasileira, de Vivian Schelling. Trata-se de uma pesquisa sobre o modo como o Brasil se pensa através da obra de dois intelectuais brasileiros: Mário de Andrade e Paulo Freire. A busca da identidade nacional, a relação entre o intelectual e o povo, entre a cultura erudita e popular, entre tradição e modernidade, a democratização da cultura, a função social da arte e a superação da dependência cultural são alguns dos temas abordados. "É uma contribuição fundamental sobre o modo pelo qual o Brasil se pensa". Octávio Ianni. *Gazeta de Barão*. 424 páginas. Cr\$ 96.900,00.

Sistemas Hamiltonianos, de Alfredo Ozorio de Almeida. A revolução iniciada por Poincaré no estudo da dinâmica clássica tem consequências profundas, comparáveis às do surgimento da mecânica quântica e da relatividade. Atingimos agora uma compreensão qualitativa do movimento caótico, hipersensível às condições iniciais, cuja existência nem se suspeitava um século atrás. Este livro apresenta um caminho dentro do vasto território dos sistemas dinâmicos, com enfoque especial sobre os sistemas conservativos (Hamiltonianos). 316 páginas. Cr\$ 101.300,00.

Haikai, de Paulo Franchetti (Org.), Elza Doi e Luiz Dantas. A obra revela para a civilização ocidental um pouco da cultura japonesa contida na tradução de 107 haikai (poesia considerada em entendimento fácil e de compreensão difícil). Os poemas retratam cenas do cotidiano do povo japonês. Os haikai vêm acompanhados de referências culturais básicas sobre a sociedade japonesa e sua tradicional poesia, que tem sua origem no século 17. 236 páginas. Cr\$ 95.300,00.

Sob o Ramo da Bétula: Fernando Pessoa e o erotismo Vitoriano, de Yara Frateschi Vieira. Educado dos oito aos 17 anos, em escolas britânicas da África do Sul, Fernando Pessoa retrata o ambiente erótico Vitoriano da Inglaterra na segunda metade do século 19. Os poemas que o próprio Pessoa qualificou de "obscenos" - Epithalamium e Antinous - são analisados contra o pano de fundo da fantasia sadomasoquista, homossexual e pedofílica, cujas raízes assentam ao solo discursivo da prática disciplinar conhecida como o "vício inglês". 163 páginas. Cr\$ 47.300,00.

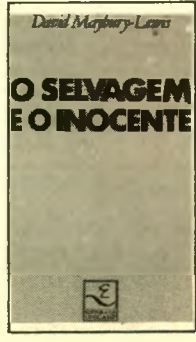
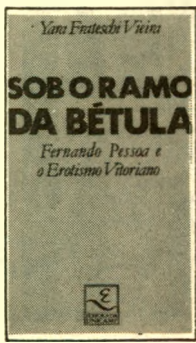
Parto Humanizado: Formas Alternativas, Hugo Sabatino, Peter M. Dunn e R. Caldeyro Barcia. O livro destina-se aos interessados em técnicas e métodos não convencionais de atenção ao parto. Mais de 50 gráficos contendo resultados perinatais relativos ao período de dilatação e ao expulsivo em posição vertical (cócoras) estão incluídos nesta obra. As vantagens do parto de cócoras são mostradas no livro que também aborda os complexos mecanismos de intercâmbio entre mãe e filho e de suas modificações durante o parto. 264 páginas. Cr\$ 68.800,00.

A Matemática no Brasil, de Francisco Mendes de Oliveira Castro. O livro é fruto de um trabalho metódico, a partir de entrevistas e muita pesquisa realizadas principalmente na Biblioteca Nacional. A obra resgata tópicos interessantes e pouco conhecidos sobre o ensino de matemática no Brasil, como a fundação das "escolas de ler e escrever" e dos colégios dos jesuítas no século 16; a criação da Academia Real Militar em 1808 por D. João VI, o primeiro instituto de ensino a abrigar cursos destinados especialmente à formação em ciências básicas, incluindo matemática, física e química. 82 páginas. Cr\$ 27.200,00.

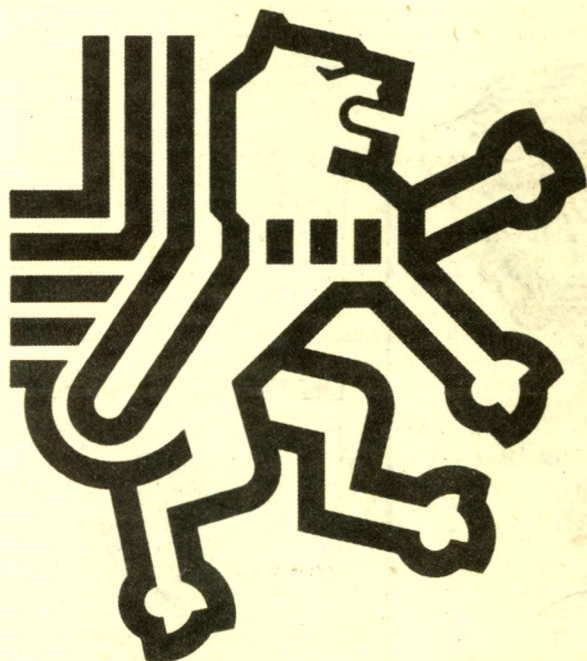
A História em Migalhas - Dos Annales à Nova História, de François Dosse. Tradução de Dulce Silva. Em seu livro, Dosse mostra como o anseio pela reconstrução da totalidade no interior do passado e a preservação da peculiaridade da história no interior das ciências sociais - elementos básicos do projeto de Marc Bloch e Lucien Febvre, fundadores da revista dos "Annales", em 1929 - foram abandonados pelos adeptos da "Nova História", a história em migalhas de Pierre Nora. Mostra que a história dos "Annales" não é imóvel. "Bem ao contrário, ela se adapta com sucesso às mutações sucessivas de nossa sociedade no decorrer do século XX e resiste com a mesma vitalidade aos assaltos das ciências sociais vizinhas e concorrentes". 268 páginas. Cr\$ 56.300,00.

Teoria da Catástrofe, de Vladimir I. Arnold. As primeiras informações sobre a teoria da catástrofe surgiram há cerca de 15 anos. Foi anunciado uma revolução na matemática comparável à invenção do cálculo por Newton. Surgiram aplicações em óptica, linguística, psicologia, geologia. Os textos do fundador dessa teoria, o matemático René Thom, circularam no mundo científico. O livro de Arnold explica porque provoca tantas controvérsias e fala sobre os fundamentos dessa teoria. 154 páginas. Cr\$ 45.800,00.

Mário de Andrade, plural, de Elisa Angotti Kosssovitch. Trata-se de um estudo particularmente original sobre Mário de Andrade. Nele a pluralidade de significações é elemento de convergência para que se aceite, e não se procure resolver, a pluralidade do autor, enquanto sujeito de uma percepção diversificada da realidade. 195 páginas. Cr\$ 47.500,00.



Agosto é mês de Leão.



Matricule-se na Cultura Inglesa.

Cultura Inglesa
Inglês com Cultura.

Desconto de 20% para universitários. Matrículas Abertas. R. Boaventura do Amaral, 1272 - Tel.: 32-6922.

Schorske, Touraine, Brito Broca...



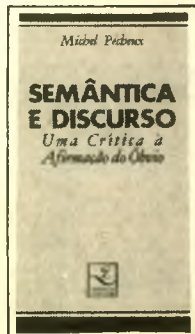
Carl Schorske, Alain Touraine, Brito Broca, Miguel Abensour, David Maybury-Lewis, Michel Schneider, Eduard Hanslick, são alguns dos autores que compõem o catálogo de publicações da Editora da Unicamp. Cada um a seu modo, suas obras registram situações de valor universal no campo da ensaística cultural, da literatura, da filosofia e da política.

Viena, 1920 — Um dos principais livros lançados pela Editora da Unicamp (tradução de Denise Bottmann), **Viena Fin-de-Siècle — Política e Cultura**, de Carl Schorske, em co-edição com a Companhia das Letras, causou impacto e provocou polêmica desde sua primeira edição, nos Estados Unidos, em 1961. Nesse texto fascinante, Schorske descreve



Schorske: impacto e polêmica desde a primeira edição em 1961.

e analisa o movimento de liberação artística da capital austríaca na virada do século. Segundo o atual ministro da Economia, Marçílio Marques Moreira — autor da apresentação desta edição em língua portuguesa — o livro de Schorske descreve uma Viena imbuída de senso de missão e determinada a libertar-se do “jugo edipiano clássico-iluminista”, abrindo espaços de convívio onde os mais ousados conceitos passaram a ser objeto de vivo debate; e onde os grandes jardins já públicos, os salões literários, os cafés legendários se transformaram em foros de discussão da psicanálise nascente, do novo urbanismo, da música atonal, das artes plásticas do *déco* ao expressionismo. Pelo livro desfilam figuras como os pintores Kokoschka e Gustav Klimt, bem como escultores e arquitetos que marcavam o *fin-de-siècle* vienense. O livro mostra como serviram de modelo o salão de Alma Mahler, mulher de Gustav e musa de Kokoschka, Gropius e Werfel, e o Café Central onde se cruzavam Freud, Mazarik, Trótski, o socialista Bauer e o reacionário Lueger.



Armory Show — Ano passado a professora Eliana Bastos, da USP, foi responsável pela lançamento de um dos mais consistentes livros sobre o modernismo: **Entre o escândalo e o sucesso - A Semana de 22 e o Armory Show**. Nele a autora faz uma análise comparativa entre o festival de fevereiro de 1922 e o não menos célebre Armory Show, evento que, nove anos antes, marcara a explosão do movimento modernista norte-americano. Ambos os movimentos sofreram forte influência das vanguardas europeias, embora com influxos diferentes. Para a autora, os movimentos aconteceram no Brasil e nos Estados Unidos revelavam a intenção de produzir uma arte que expressasse aquele momento específico e a reiteração de valores nacionais próprios.

Palavra e Sangue — Lançado em 1989 pela Editora da Unicamp, em co-edição com a Trajetória Cultural, o livro de Alain Touraine, **Palavra e Sangue - Política e Sociedade na América Latina** foi muito bem recebido pela crítica e pelo público brasileiro. A crítica internacional considerou-o “um trabalho magistral”. No Brasil, foi objeto de uma série de debates nas instituições de ensino do país. Segundo críticos, a obra de Touraine — considerado um dos mais importantes sociólogos europeus da atualidade — é tida como essencial para o entendimento da dinâmica política e social da América Latina, cuja evolução o sociólogo e ensaísta francês acompanhou com a atenção constante por mais de três décadas. Para ele, a América Latina é a “classe média do mundo”. Em sua análise, as relações entre vida pública e privada confundem-se no clientelismo, no caciquismo e no coronelismo, que transformam o poder pessoal em poder político.

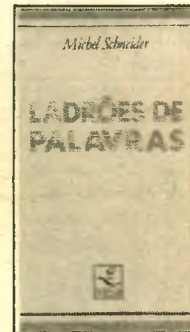
Teatro de Revista — Se durante décadas o teatro de revista foi uma das mais significativas manifestações da cultura popular brasileira, porque é que, com o passar do tempo, acabou caindo no esquecimento? A resposta vem da professora Neyde Veneziano, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, através do livro **O teatro de revista no Brasil — dramaturgia e convenções**, lançado pela Editora da Unicamp, em co-edição com a Editora Pontes. Resultado de quatro anos de pesquisas, o livro mostra que o teatro de revista tinha suas próprias convenções e que o gênero apresentava uma dramaturgia calcada em leis que, embora impostas, se incorporaram no espírito de brasilidade. São convenções que se perderam com o tempo. A autora mostra que, com o desaparecimento dos produtores de espetáculos de revista, o gênero enveredou para três vertentes: espetáculos de exportação (mulatas), shows gays e apresentações desqualificadas em palcos de periferia.



Sonho anarquista — Figura singular no cenário político e cultural do país, Tito Veziro Batini (1904-1989) deixou não só uma obra literária e artística de grande valor, mas também o legado generoso de uma vida toda dedicada a construir um mundo melhor. Sua obra mais recente — **Memórias de um socialista congênito** — foi lançada pela Editora da Unicamp em 1991, dois anos depois de sua morte. É um livro, como o próprio título diz, de memórias, onde o autor narra sua atuação dentro do PCB. Partido do qual Batini foi, antes de tudo, um crítico implacável e dele foi expulso nos anos 30 “por divergir da direção partidária, retornando quatro décadas depois, tornando-se nos últimos anos de sua vida ardoroso defensor da perestroika”, como conta o jornalista e tradutor Reinaldo Mestrinel.

Touraine: reflexões entre vida pública e privada confundem-se no clientelismo e no coronelismo.

Papéis de Alceste — O ano de 1991 marcou a passagem do 30º aniversário da morte de Brito Broca (1904-1961) e o terceiro ano do desaparecimento de seu amigo e discípulo Alexandre Eulálio (1932-1988), professor do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, responsável pela organização e publicação desses **Papéis de Alceste**. O livro, publicado pela Editora da Unicamp no ano passado, reúne crônicas que, durante certo tempo, Brito Broca escreveu para o jornal “A Gazeta”, de São Paulo, sob o pseudônimo de Alceste. São pequenos artigos onde faz reflexões de natureza pessoal ou registra o resultado de suas pesquisas. Intimista, Brito Broca mantém vezes utilizadas esses **Papéis de Alceste** como diários íntimos ou caderno de memórias. A cada página, o volume proporciona ao leitor uma jornada ao universo de representação da vida literária e da história cultural do país.

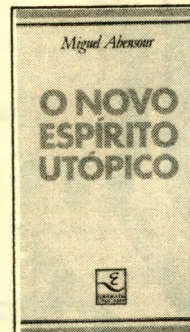
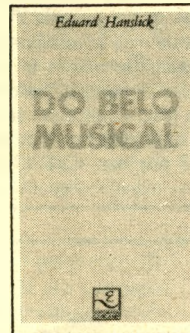
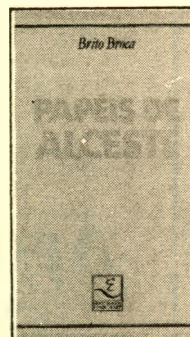
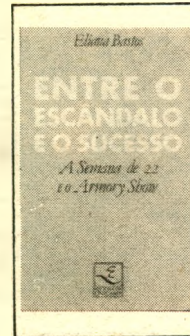


Ladrões de Palavras — Traduzido por Luiz Fernando Franco, o livro de Michel Schneider **Ladrões de Palavras** é, em resumo, um ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Um livro, como diz o autor, “sobre a identidade que não esconde a busca de sua identidade.” Ao mesmo tempo é uma investigação histórica, um ensaio literário e a confissão de um debate íntimo. A obra é um trabalho às voltas com três palavras: prioridade, autoridade, propriedade. Segue esse percurso evocando os sofrimentos, dissensões e êxtases que elas podem causar, questionando-as no domínio literário.

Semântica e discurso — Livro que deu início à série “Repertórios” — que visa à publicação de autores clássicos ou atuais —, o livro de Michel Pêcheux é uma das mais consistentes obras modernas sobre a análise de discurso. Desenvolve uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimentos científicos e a questão da prática política, além de introduzir no domínio dos estudos da linguagem o tema da história, do poder, da ideologia — condições em que se dão os processos discursivos. A referência à história se justifica na perspectiva de uma análise materialista das “práticas linguísticas” inscritas num determinado contexto sócio-político-econômico.

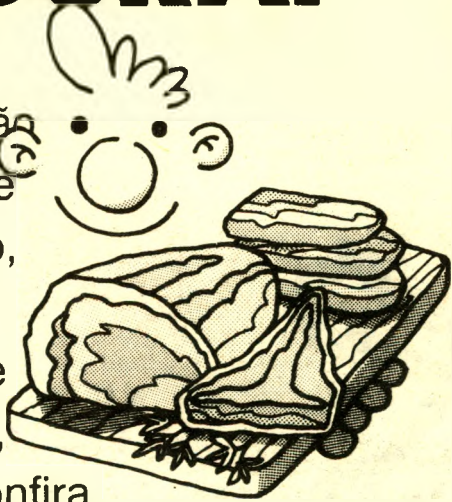
O belo musical — Quando o autor, Eduard Hanslick, publicou esse livro, em 1954, era um obscuro funcionário administrativo da Universidade de Viena e, dois anos após, ele obteve a cadeira de estética e de história da música de aquela universidade, ocupando-a por mais de 30 anos. Amigo de Brahms e em eterna polêmica com Liszt e Wagner, Hanslick é considerado o fundador da crítica musical formalista e algumas de suas teses, formuladas pela primeira vez nesse livro, tornaram-se patrimônio do pensamento moderno.

O novo espírito utópico — Os textos reunidos nesse volume constituem parte da reflexão filosófico-política de Miguel Abensour centrada na utopia. Redigidos ao longo de mais de dez anos, os ensaios “não poderiam deixar de expressar um movimento no qual o pensamento se perde e se reconhece a si mesmo”, conforme diz o professor Urias Corrêa Arantes, um dos tradutores dos ensaios. Os textos sugerem um alargamento crescente do território a ser explorado, um aprofundamento das questões que vai de par com uma afinação do discurso e um refinamento da análise.



CARNE MACIA, PREÇO SEM GORDURA.

A economia do Supermercado Barão você sente na carne — de vaca, de porco, de frango... O atendimento é de primeira; os preços, bem magrinhos. Confira.

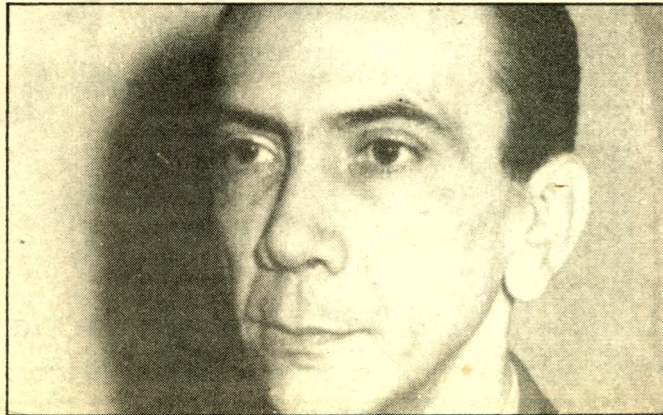


• ENTREGA A DOMICÍLIO • CONVÊNIO ADUNICAMP E ASSUC •



TUDO À MÃO!

Rua Benedito Alves Aranha - Barão Geraldo



Brito Broca: pequenos artigos com reflexões de natureza pessoal e de pesquisas.